



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-MESTRADO**

**FÁBIO DA CONCEIÇÃO CÂMARA**

**NARRATIVAS DE MORADORES DA BAÍA DO SOL-  
MOSQUEIRO-PA: POSICIONAMENTOS ÉTICOS E SABERES  
CULTURAIS**



**Belém-PA**  
**2021**

FÁBIO DA CONCEIÇÃO CÂMARA

**NARRATIVAS DE MORADORES DA BAÍA DO SOL-  
MOSQUEIRO-PA: POSICIONAMENTOS ÉTICOS E SABERES  
CULTURAIS**

Texto de defesa da dissertação de mestrado apresentado como requisito final para obtenção de título de Mestre em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Orientador: Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes.

Belém-PA  
2021

**Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)**  
**Biblioteca do CCSE/UEPA, Belém-PA**

---

Câmara,, Fáblio da Conceição

Narrativas de moradores da Baía do Sol-Mosqueiro-PA: posicionamentos éticos e saberes culturais. / Fáblio da Conceição Câmara; orientador José Anchieta de Oliveira Bentes. – 2021.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Pará. Belém, 2021.

1. Narrativas de vida – Baía do Sol (Mosqueiro-PA). 2. Posicionamento éticos. 3. Baía do Sol (Mosqueiro-PA) – Saberes culturais. I. Bentes, José Anchieta de Oliveira . II. Título.

---

CDD 23º ed. 305.098115

Elaborada por Regina Ribeiro CRB-2/739

FÁBIO DA CONCEIÇÃO CÂMARA

**NARRATIVAS DE MORADORES DA BAÍA DO SOL-  
MOSQUEIRO-PA: POSICIONAMENTOS ÉTICOS E SABERES  
CULTURAIS**

Texto da dissertação de mestrado apresentado como requisito para obtenção de título de Mestre em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará.  
Orientador: Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes.

Data da defesa: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Banca examinadora:

\_\_\_\_\_ Orientador  
Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes  
Doutor em Educação Especial – UFSCAR/SP  
Universidade do Estado do Pará – UEPA

\_\_\_\_\_ Membro interno  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Regina Lobato dos Santos  
Dr.<sup>a</sup> em Educação  
Universidade do Estado do Pará – UEPA

\_\_\_\_\_ Membro externo  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Arlete Marinho Gonçalves  
Dr.<sup>a</sup> em Educação  
Universidade Federal do Pará – UFPA

Belém-PA  
2021

Dedico a todos os moradores-narradores da Baía do Sol-Mosqueiro que participaram desta construção coletiva nas rodas de conversa e contribuíram com o campo de pesquisa em educação por meio das narrativas de vida.

## AGRADECIMENTOS

À fé em Deus que me deu sabedoria para condução desta pesquisa e perseverança mesmo diante das dificuldades durante a trajetória para a conclusão deste trabalho científico.

Ao meu pai, Pedro Paulo Câmara, pela compreensão nos momentos em que precisei me ausentar e passar o dia na Universidade.

Ao meu filho e amigo, Luís Felipe Figueiredo, que nos momentos de produção científica deste trabalho encorajava-me com suas palavras de ânimo. Fortalecendo-me para seguir determinado e confiante para conclusão desta etapa de estudo.

À minha amiga Luciana Figueiredo, presença marcante, sempre com uma palavra de fé, carinho e determinação para seguir com sabedoria.

Às minhas irmãs, Helena Câmara, Elizangela Câmara e Vanessa, por todo carinho e companheirismo que sempre demonstraram.

Minha gratidão, aos familiares da minha amiga, Luciana Figueiredo; sua irmã Adriana, mãe Albertina e sobrinha Ana Paula.

Aos meus amigos, Clara Viana, Luciene Viana, Liene Viana e José Luiz, que me acolheu com amor e respeito na época que morei no Jurunas.

Às minhas amadas primas, Janete Nascimento, Joselene Pantoja, Caroline Conceição, e à tia Ana Conceição, pela compreensão nos momentos em que precisei estudar, sendo assim, pessoas que me impulsionaram a chegar até aqui.

Minha gratidão especial ao meu orientador, Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes, pela dedicação e responsabilidade e por estar sempre disposto a colaborar e a contribuir com este trabalho científico-narrativo, com minha formação humana e acadêmica, bem como por ser um excelente orientador, amigo, profissional dedicado. Obrigado por sua dedicação, que lhe fez, por muitas vezes, deixar de lado seus momentos de descanso para me ajudar e me orientar.

Minha gratidão também às professoras que compuseram a banca avaliadora desta dissertação no Mestrado em educação: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Regina Lobato dos Santos e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Arlete Marinho Gonçalves, por aceitarem fazer parte deste processo avaliativo e terem contribuído com este trabalho.

Minha gratidão ao Centro Alternativo de Cultura-CAC, pelo apoio, força e incentivo para com minha formação acadêmica, profissional e humana, por meio de

meus amigos de trabalho: Aurilene Silva, Juscelio Pantoja, Rosa Maria, Suelen Velasco, Rosangela e ao Padre Bruno da capela de Lourdes.

Minha gratidão também a minha amiga de orientação, Dilma Dias, pelo apoio e amizade. Sempre com muita atenção e respeito a conduzir as situações em que éramos exigidos.

À minha amiga Marina Soares, que durante o mestrado, sempre foi muito atenciosa, me incentivando a estudar, seguir meus objetivos nesta etapa de pesquisa e realização deste trabalho científico.

A minha gratidão a minha amiga, Maria Fabiana Sousa Rosa, por todo carinho, força e incentivo para chegar até esta fase de conclusão.

À minha amiga Sylvia Calandrini, que sempre nos momentos que precisei estava pronta para me ajudar, principalmente nesta etapa acadêmica.

À Daniela Borges pelo apoio incondicional ao longo da nossa trajetória de amizade e convivência.

Gratidão ao professor Dr. Salomão Hage por todo o incentivo e apoio.

A minha amiga querida, Jaqueline Gomes Furtado, por todo apoio ao longo da minha trajetória de estudos e chegada ao mestrado.

Aos moradores-narradores da Baía do Sol-Mosqueiro por me possibilitarem adentrar no cotidiano da localidade e vivenciar momentos relevantes por meio das narrativas de vida socializadas em rodas de conversa.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará por me oportunizarem ser melhor enquanto pessoa e pesquisador.

A todos os colegas da turma 15 do Mestrado em Educação, Giovana, Henrique de Moraes Junior, Ely Medeiros, Yago, Dinalva, Bruno Bahia e Huber Kline pelos momentos de convívio, companheirismo, alegria e aprendizado.

Ao Jorginho e seu Carlos, da Secretária do PPGED-UEPA, por todo empenho em colaborar em todos os momentos.

E a todos que de alguma forma me impulsionaram a chegar até este momento. Gratidão!

“O texto só vive em contato com outro texto (contexto). Somente em seu ponto de contato é que surge a luz que aclara para trás e para frente, fazendo que o texto participe de um diálogo.”

Mikhail Bakhtin



## RESUMO

CÂMARA, Fábio da Conceição. **Narrativas de moradores da Baía do Sol-Mosqueiro-Pa**: posicionamentos éticos e saberes Culturais. 2021, 107f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do estado do Pará, Belém, Pará, 2021.

Esta pesquisa tem por objetivo analisar os posicionamentos éticos e os saberes culturais a partir das narrativas de vida de moradores da Baía do Sol-Mosqueiro-PA. As narrativas de vida são recortes da história de cada morador-narrador, consideradas significativas e que envolvem seus saberes e conhecimentos em vista dos posicionamentos éticos em uma relação entre o eu e o outro em um ato de narrar. A pergunta central da pesquisa é: quais saberes emergem dos posicionamentos éticos dos moradores-narradores da Baía do Sol-Mosqueiro? O percurso metodológico desta pesquisa tem por base a abordagem qualitativa, dando ênfase a narrativas por meio do procedimento metodológico rodas de conversa, que subjaz as relações dialógicas que dimensionam os tipos de éticas envolvidas neste processo científico-narrativo, tendo como base a análise dialógica, haja vista uma dimensão social e política do diálogo como fonte de análise para fundamentar este processo dinâmico. As técnicas de pesquisa utilizadas foram o diário de pesquisa, as rodas de conversa, com a gravação de vídeos para constituição do *corpus* de pesquisa. O referencial teórico-base da pesquisa são: Bakhtin (2014, 2016, 2017, 2018) e Freire (2014, 2015). Os resultados obtidos no *corpus* revelam os tipos de éticas envolvidas, bem como lealdade, conselho, atitude, cuidado, determinação/decisão em seus relatos e os saberes referente aos da floresta, da terra e das águas presente nos relatos nos encontros dialógicos, constituindo-se em posicionamentos em relação as questões éticas. Conclui-se que por meio das narrativas de vida podemos identificar os posicionamentos éticos e os diversos saberes culturais contidos no discurso dos moradores-narradores da Baía do Sol.

**Palavras-chave:** Diálogo. Narrativas de vida. Posicionamentos éticos. Saberes culturais.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the ethical positions and cultural knowledge from the life narratives of residents of Baía do Sol-Mosqueiro-PA. Life narratives are excerpts from the history of each resident-narrator, considered significant and involving their knowledge and knowledge in view of ethical positions, in view of the relationship between the self and the other through the act of narrating. The central question of the research is: which knowledge emerges from the ethical positions of the residents-narrators of Baía do Sol-Mosqueiro? The methodological path of this research is based on a qualitative approach, emphasizing narratives through the methodological procedure conversation wheels, which underlies the dialogical relationships that dimension the types of ethics involved in this scientific-narrative process, based on dialogical analysis, given a social and political dimension of dialogue as a source of analysis to support this dynamic process. The research techniques used were the research diary, the conversation wheels, with the recording of videos to constitute the research corpus. The theoretical framework of the research are: Bakhtin (2014, 2016, 2017, 2018) and Freire (2014, 2015). The results obtained in the corpus reveal the types of ethics involved in their reports and the knowledge that emerges from the dialogue present in these dialogic meetings, constituting positions in relation to ethical issues and other factors such as family, memory, migration, education, territory, work situations, knowledge and Amazonian tales.

**Keywords:** Dialogue. Life narratives. Ethical positions. Cultural knowledge

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Informações sobre os moradores-narradores.....	43
Quadro 2 Sistematização das rodas de conversas.....	72

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Mapa da Baía do Sol-Mosqueiro-PA. ....	47
Figura 2 Imagem da praia da Baia do Sol .....	47
Figura 3 Imagem da Orla da Baia do Sol.....	48
Figura 4: Imagem da Orla da Baia do Sol .....	48
Figura 5 Imagem da Escola Dr. Lauro Chaves.....	49
Figura 6 Imagem da Colônia de Pescadores da Baía do Sol. ....	50
Figura 7 moradora-narradora, Dona Pedra .....	55
Figura 8 A escrita desta seção .....	58
Figura 9 Primeira roda de conversa, dia 10 de outubro 2019. ....	60
Figura 10 Primeiro encontro de diálogo, dia 10 de outubro 2019. ....	61
Figura 11 Segunda roda de conversa, dia 16 de outubro de 2019. ....	62
Figura 12 Cotidiano da moradora no cultivo da horta, dia 16 de outubro de 2019.....	63
Figura 13 Cotidiano da moradora, batendo açaí, dia 16 de outubro de 2019. ....	64
Figura 14 Narrativas de vida .....	65
Figura 15 Terceira roda de conversa, dia 22 de outubro de 2019. ....	66
Figura 16 Quarta roda de conversa, dia 28 de outubro de 2019.....	67
Figura 17 Quinta roda de conversa, dia 1º de novembro de 2019.....	69
Figura 18 Sexta roda de conversa, dia 09 de novembro de 2019.....	70

## SUMÁRIO

<b>1 ASSIM COMEÇAM AS NARRATIVAS.....</b>	<b>14</b>
<b>2 A PESQUISA NARRATIVA DE VIDA EM EDUCAÇÃO .....</b>	<b>24</b>
2.1 METODOLOGIA NARRATIVA NAS CIÊNCIAS HUMANAS .....	25
2.2 OS FUNDAMENTOS DA ANÁLISE DIALÓGICA DAS NARRATIVAS DE VIDA .....	27
2.3 POSICIONAMENTO ÉTICO DAS NARRATIVAS DE VIDA.....	32
2.4 O ATO DE NARRAR.....	35
2.5 O CÍRCULO DE CULTURA COMO BASE EPISTEMOLÓGICA DAS RODAS DE CONVERSAS.....	38
2.6 OS MORADORES-NARRADORES .....	42
2.7 O LÓCUS DE PESQUISA.....	45
2.8 OS SABERES CULTURAIS E INTERCULTURAIS DOS MORADORES - NARRADORES DA BAÍA DO SOL-MOSQUEIRO-PA.....	50
<b>3 ANÁLISE DIALÓGICA DAS NARRATIVAS DE VIDA .....</b>	<b>57</b>
3.1 A PRIMEIRA RODA DE CONVERSA .....	58
3.2 A SEGUNDA RODA DE CONVERSA.....	62
3.3 A TERCEIRA RODA DE CONVERSA .....	65
3.4 A QUARTA RODA DE CONVERSA .....	66
3.5 A QUINTA RODA DE CONVERSA.....	68
3.6 A SEXTA RODA DE CONVERSA.....	70
3.7 A SETIMA RODA DE CONVERSA.....	71
3.8 SISTEMATIZAÇÃO DAS RODAS DE CONVERSAS .....	72
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>90</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>94</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>97</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

DAMOS - Distrito Administrativo do Mosqueiro

GELPEA - Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educativas da Amazônia

MOVA - Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos

PA - Pará

UEPA - Universidade do Estado do Pará

UFPA - Universidade Federal do Pará

## **1 ASSIM COMEÇAM AS NARRATIVAS...**

Esta dissertação de mestrado em educação emergiu da necessidade de investigar as narrativas de vida a partir dos posicionamentos éticos e dos saberes culturais de moradores-narradores do Bairro da Baía do Sol, na ilha do Mosqueiro, Distrito de Belém, no Estado do Pará. Faremos uma incursão no que envolve os relatos de vida, a partir dos discursos, tendo em vista, o posicionamento ético como relação por meio das atitudes e afirmações discursivas.

Abordaremos a ética na perspectiva bakhtiniana, a partir da análise dos posicionamentos dos moradores-narradores, para identificar os seus pontos de vista a respeito das narrativas de vida. Portanto, discutiremos o assunto com base nos pontos de vista dos falantes, do ato de pensar, de dar opinião e assumir com convicção seus argumentos naquilo que acreditam.

Os posicionamentos éticos contidos nas narrativas de vida de moradores-narradores são os objetos desta pesquisa científico-narrativa, bem como apresenta os saberes da floresta, dos rios, da religiosidade, da terra no qual podemos evidenciar seus discursos a partir dos relatos das experiências vividas. Proporciona um diálogo entre a diversidade de conhecimentos que posteriormente tendem a romper com as hierarquias do saber entre os intelectuais da classe dominante e os moradores de bairros da classe trabalhadora, que geralmente possuem pouca escolarização.

O estudo tem como objetivo geral analisar os posicionamentos éticos e os saberes culturais a partir das narrativas de vida dos moradores-narradores da Baía do Sol-Mosqueiro-PA. Os objetivos específicos são assim delineados: Apreender nas narrativas de vida os saberes culturais dos participantes e identificar, a partir da perspectiva bakhtiniana, os tipos de éticas envolvidos nos atos de fala dos moradores-narradores.

Sendo assim, justificamos por várias questões, entre elas, a profissional, a acadêmica e a epistemológica bem como as motivações para a construção deste estudo. São justificativas que fortalecem a escolha pelas narrativas de vida, pelo contato com os moradores que construíram e constroem suas vidas no bairro da Baía do Sol, na ilha de Mosqueiro, que constitui um dos distritos administrativos da cidade de Belém – o Distrito Administrativo do Mosqueiro (DAMOS) –, no Estado do Pará. Portanto, rememorar essas narrativas nos permite compreender o cotidiano e

a visão de mundo dos moradores-narradores em vista de seus posicionamentos éticos.

Passamos a anunciar a razão profissional na qual rememoro parte das etapas pelas quais passamos, no decorrer do processo de estudo e investigação deste objeto de pesquisa. Argumentamos que é de suma importância trazer à tona discussões acerca das narrativas dos participantes da Baía do Sol-Mosqueiro-PA em função de termos compartilhados momentos da vida profissional nesse distrito administrativo.

Nos anos de 2011 a 2014, fui alfabetizador e posteriormente coordenador de turma no Programa Brasil Alfabetizado do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos (MOVA). Nesse movimento, enquanto coordenador realizei assessoramento pedagógico nas turmas da Baía do Sol- Mosqueiro, que proporcionou, junto com os alfabetizados e alfabetizadores, rememorar um dos temas das aulas de alfabetização de adultos, as narrativas de vida dos adultos e idosos, que forneciam palavras geradoras para sala de aula.

Foi perceptível que as narrativas emergiram do imaginário dos moradores-narradores do local, entrelaçados com o contexto histórico de suas identidades e alteridades. Haja vista que, eram narrativas oralizadas, não encontradas em livros didáticos ou cartilhas, mas na memória desses moradores nativos da Ilha de Mosqueiro. São falas com valor significativo, parte da memória daquele local que deveriam repassadas para as futuras gerações.

Nessa trajetória de trabalho pedagógico como Educador Popular, construí amizades, estudei a realidade do bairro, organizei e lutei para que a realidade sofrida – a falta de investimento público no bairro, a falta de coleta de lixo na praia, a reforma das pistas de acesso ao balneário, a falta de transporte – vivenciada pelos moradores pudesse ter melhorias. Na época, o educador popular era um militante que identificava os problemas locais e a partir deles escolhia o tema gerador e a palavra geradora que seria trabalhada para alfabetizar. Dentre esses temas, as narrativas sobre as lendas locais eram fundamentais para construir os saberes locais e em diálogo com saberes universais. Sendo assim, todo o percurso epistemológico, metodológico, acadêmico, social e político do MOVA possuía ligação entre educador, educando e seus meios sociais de interação.

A experiência de trabalho desenvolvido por meio de projetos socioeducativos em Mosqueiro, como orientador pedagógico, na perspectiva da Educação Popular,



proporcionou a aproximação com o universo lúdico do imaginário dos educandos a partir das narrativas de vida.

Passamos para as razões acadêmicas. A escolha da temática do projeto foi constituída a partir dos estudos que realizei no curso de Alfabetização de Jovens e Adultos na Amazônia, pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Tais estudos proporcionaram o contato com teóricos, os quais direcionavam para o campo da educação popular e emancipatória, em vista da filosofia de Paulo Freire, uma educação libertadora, ampliando a reflexão acerca da temática dos saberes amazônicos.

No processo acadêmico, ao participar como aluno especial do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Educação – na Universidade do Estado do Pará (UEPA), da linha de Saberes Culturais e Educação na Amazônia, por meio da disciplina Dialogismo e Educação, ministrada pelo Prof. Dr. José Anchieta Bentes, foi decisivo para ampliar os estudos teóricos e as reflexões acerca do pensamento de Mikhail Bakhtin.

Ainda nesse campo, no que concerne à relevância acadêmica, o autor estudado influenciou na escolha do objeto de pesquisa e no aprofundamento da temática sobre as narrativas e os posicionamentos éticos acerca dos saberes culturais dos moradores-narradores da Baía do Sol-Mosqueiro.

Ainda nesta perspectiva, tendo em vista a temática dos saberes culturais e da educação na Amazônia, foi fundamental a participação em seminários com as seguintes temáticas: educação ribeirinha, educação do campo, semana Paulo Freire, educação popular e a participação no Grupo de Estudos em Linguagens e Práticas Educativas da Amazônia (GELPEA) na UEPA.

Neste processo de formação continuada no campo de pesquisa em educação, foi necessária a ampliação dos estudos, no que concerne às narrativas acerca da oralidade e com base na sustentação teórica em Bakhtin e Paulo Freire para sistematizar e ampliar a pesquisa proposta.

No que tange este trabalho, uma das inquietações enquanto pesquisador é a de potencializar os saberes que emergem das manifestações culturais, a partir do protagonismo dos enunciadores das narrativas, a fim de que sejam vistos como sujeitos histórico-culturais, na perspectiva freireana, pois mantêm viva sua cultura e estão localizados em um tempo, espaço e relações sociais.

Tendo em vista a trajetória como educador popular, no que concerne o contexto educacional na Amazônia, bem como na perspectiva de uma educação crítica, libertadora e emancipatória, compreendemos a relevância do processo de formação profissional, rompendo paradigmas, para escolha do tema de estudo desta pesquisa como culminância de toda caminhada de militância, docência, estudos e pesquisa.

As razões epistemológicas. Vale ressaltar que as narrativas de vida dos participantes das rodas de conversa têm relevância para o campo educacional em função dos saberes amazônicos, serem narrativas vividas ou repassadas de geração a geração por familiares para as crianças, adolescentes e adultos, as quais fortalecem os debates na linha de saberes culturais e educação na Amazônia, da UEPA.

Problematizar as narrativas de vida em vista do posicionamento ético desses moradores-narradores, por meio de suas reflexões a partir de suas próprias narrativas no que concerne os posicionamentos acerca do ato de pensar e narrar, envolve as pessoas que estão contando, por proporcionar a elas autonomia, reconhecimento do outro como sujeito-histórico, lugar de fala e valorização dos seus saberes, visando potencializar essas mulheres e esses homens da Baía do Sol.

A partir do pensamento de Bakhtin (2014), sistematizamos nossa compreensão sobre posicionamento ético, no que se refere ao posicionamento dos moradores-narradores, no ato de narrar: aquilo que cada um acredita e defende é a posição ética deste sujeito.

A propósito, são inúmeras as narrativas que envolvem o cotidiano desses moradores, que perpassam pelo que eles acreditam de maior valor sentimental, religioso, cultural e de sua própria vida. Portanto, as narrativas representam, para além de um simples contar, implicam a autonomia e a diversidade de saberes que se propagam pelas falas significativas, de resistência de mulheres e homens, com vista a ser ouvido, a lembrar a história local e a sua própria história.

Mosqueiro apresenta riqueza histórica, porque a presença de povos indígenas, portugueses e africanos gerou uma forte cultura cabocla, própria do povo paraense e ganhou novas vertentes e ressignificou a cultura local, fortalecendo suas identidades e alteridades, principalmente por meio dos relatos orais de moradores-narradores que passaram de geração em geração, bem como os contados por nativos da Ilha, em destaque na Baía do Sol: são lembranças acerca da tradição

oral e que possuem relevância por envolver seu imaginário, educação, cultura e saberes amazônicos.

Vale ressaltar o diálogo acerca dos autores, Freire (2014) e Bertaux (2010) utilizados para a análise dos saberes contidos nas narrativas de vida e para um mergulho interpessoal que se propôs a contar sobre as histórias, que em sua maioria são tradições orais dessas famílias. Sendo assim, implica se envolver com o diálogo epistemológico dos autores entrelaçado com as narrativas do senso comum advindo das rodas de conversa.

As narrativas contadas pelos moradores-narradores, participantes da pesquisa podem possibilitar discussões relativas às memórias de uma comunidade local, por meio do ato de narrar. É a partir desse ato que será possível apreender histórias de vida, tradições orais imbricadas à natureza, com vistas a compreender a identidade cultural de uma comunidade e os seus saberes locais.

Os saberes que emergem a partir das narrativas são uma forma de resistência da sua cultura, com seus saberes populares e a valorização das memórias dos nativos da Baía do Sol-Mosqueiro-PA.

Manter o diálogo entre saberes diferentes, bem como as narrativas amazônicas e de vida dessa comunidade, é de suma importância para preservar e divulgar esse conjunto de construções culturais – principalmente centrado em narrativas orais – que vêm de geração em geração e que são primordiais neste processo dialógico na construção deste conhecimento.

Ouvir os relatos orais desses participantes permite entender seu contexto social e valorizar seus saberes populares, em histórias que eles contam com mistério, autonomia, alegria e percepção de mundo.

O diálogo é fundamental durante todo o processo de conversação, pois nos aproxima das suas formas de ser, pensar, viver, em que não há quem sabe mais ou quem sabe menos, afinal, todos sabem uma história e do seu jeito contribuem com seus saberes para explicar acontecimentos e posicionamentos éticos que tomam nos seus cotidianos.

Defendemos que os saberes populares, as crenças, as histórias de vida, as religiosidades, a diversidade cultural seja valorizada, promovendo assim um diálogo entre a realidade e o cotidiano escolar que perpassa por todos os seguimentos sociais dos sujeitos históricos, uma vez que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos” (FREIRE, 2015, p. 31).

As conjecturas que realizamos a partir dos estudos epistemológicos, acadêmicos e as vivências com os moradores por meio de suas narrativas de vida nos conduziram para elaboração da questão central desta dissertação: como os posicionamentos éticos emergem nas narrativas de vida de moradores-narradores da Baía do Sol-Mosqueiro-PA?

Partindo, deste pressuposto do problema de pesquisa, elencamos algumas questões motivadoras, perguntas significativas referentes ao diálogo: questão 1: que saberes os moradores-narradores do bairro da Baía do Sol estabelecem entre as suas histórias e suas práticas sociais? Questão 2: Que posicionamentos éticos estão envolvidos nos atos comunicativos dos participantes da pesquisa?

Com base nestas questões norteadoras, levantamos a seguinte hipótese relacionada a prática social: se os saberes da floresta, os saberes das águas, os saberes da medicina artesanal, da culinária, possuem relação com a prática social dos moradores-narradores, então, pressupõe-se que são posicionamentos éticos de ser justo, de fazer o bem, de proteger a natureza e de eliminar o opressor.

Diante dessa hipótese, defendemos que o ato de pesquisar faz parte do processo de construção do conhecimento, e ele só se efetiva a partir dos fatos sociais e do diálogo com os quais partilham, considerando-se o processo dialógico da linguagem.

A abordagem da pesquisa será de caráter qualitativo, pois serão investigadas as narrativas contadas pela comunidade, envolvendo de maneira participativa os enunciadores – a partir de suas narrativas – e o pesquisador no processo da pesquisa, isto é, com o intuito de promover um diálogo dinâmico e epistemológico (SEVERINO, 2017).

Este diálogo acadêmico, mencionando a importância da pesquisa em educação por meio da metodologia narrativa, tem em vista os relatos dos moradores-narradores da Baía do Sol-Mosqueiro-PA, pois suas histórias perpassam o entrelace entre suas próprias vidas e as narrativas amazônicas. Neste contexto narrativo, por meio da contação em rodas de conversa, os moradores na pesquisa são pensados como coautores desta dissertação.

Este trabalho de pesquisa pauta-se na análise dialógica, promovendo um diálogo epistemológico e empírico na construção deste estudo, elaborado e problematizado a partir dos posicionamentos éticos dos moradores-narradores em vista das narrativas de vida em diálogo com os teóricos, com a sistematização dos

relatos transcritos, sem perder a originalidade e autonomia das opiniões dos coautores neste processo dialógico.

Para o desenvolvimento deste trabalho, optamos pelos procedimentos das rodas de conversa, que são relevantes para o processo da pesquisa, que segue uma perspectiva emancipatória, libertadora e significativa para os envolvidos, tendo em vista o diálogo como pressuposto fundamental nos encontros. Pois, por meio dessa metodologia, ocorrem momentos de interação e a dialogicidade na relação entre as narrativas de vida e os saberes culturais.

No que concerne este estudo, ressaltamos que esta metodologia se caracteriza por destacar as narrativas de vida ao considerar as falas significativas dos moradores-narradores, a partir da “visão de mundo” do morador-narrador, contextualizada com discursos globais na qual serão analisados no mínimo “dois sujeitos em interação” (BAKHTIN, 2015).

Em virtude disso, é imprescindível problematizar as narrativas no que diz respeito à ética dos participantes, que avaliam os posicionamentos dos personagens das narrativas, com os saberes culturais envolvidos. Faz-se necessário promover um diálogo entre diferentes saberes desses enunciadorees, que dialoguem com a realidade a partir de sua historicidade, partindo do pressuposto da valorização da cultura local e dos saberes amazônicos que emergem a partir das narrativas.

Ao adentrar no mundo da narrativa, um novo mundo é construído, no qual símbolos verbais se relacionam, confrontam-se, excluem-se e até se ressignificam, afinal, estamos lidando com o mundo da cultura quando se pretende criar uma alegoria para a vida, o que envolve emoções ao narrar, autonomia, expressão corporal, troca de olhares, um universo de sentimentos no qual rememoram sua historicidade e suas vidas.

Em tal metodologia, utilizamos as rodas de conversa, que são encontros organizados pelo pesquisador para que os narradores contem suas narrativas e posicionem-se eticamente acerca dos acontecimentos contados, estabelecendo relações com suas experiências em espaço e tempo de interação.

As rodas de conversas proporcionam momentos dialógicos, isto é, estar lado a lado, de frente com o outro, na qual todos contam suas narrativas de vida, que são relevantes no processo deste estudo científico-narrativo, pois potencializam as relações de humanização entre os participantes da pesquisa.

As rodas de conversa permitem construir um *corpus*, com a transcrição das falas que ocorreram nestes encontros educativos para posterior análise das narrativas de vida, com a categorização e a reconstrução analítica de organização.

As rodas estão pautadas, por princípio, em processo dialógico e emancipatório, nos pressupostos dos autores Serodio e Prado (2015), da metodologia narrativa, visto que as histórias e suas especificidades podem contribuir para estudos no campo do conhecimento das ciências humanas.

Após as rodas de conversa, realizamos a transcrição das falas que ocorreram nestes encontros educativos para posterior análise dialógica com a categorização e a reconstrução analítica de organização. Nesse momento, utilizamos os aportes teóricos de Bakhtin (2014; 2017), Bertaux (2010), Freire (2014) e Benjamim (1985).

Participam dez (10) moradores-narradores desta pesquisa, convidados e que concordaram em contar suas narrativas e emitir opinião sobre elas, assim como relacioná-las a fatos de suas vidas, no caso adultos e idosos da Baía do Sol-Mosqueiro-PA, território pertencente ao Distrito de Belém, Região das Ilhas. Foram convidados pais, mães, avós que são reconhecidos como contadores de histórias da localidade.

Os espaços previamente selecionados no bairro para acontecer os encontros foram os quintais das casas dos moradores e a orla da localidade, na praia, sendo propício para o diálogo acerca das narrativas dos moradores-narradores, uma vez que as narrativas são pautadas em uma forte relação com a historicidade de Mosqueiro, na Baía do Sol.

A metodologia acerca das rodas de conversas que aconteceram nas casas dos moradores-narradores e na orla foram fundamentais nesse processo dialógico, bem como na promoção dos saberes culturais, que em sua maioria não são visibilizados e tiveram valor significativo para os participantes das rodas e também para ampliar a discursão na educação amazônica,

O trabalho se desenvolveu com base nas gravações das rodas de conversa, que constituem o *corpus* de análise. A partir do *corpus* criamos tipologias éticas para a análise das narrativas de vida, que estão relacionadas aos saberes culturais e as visões de mundo dos moradores. Portanto, seus conhecimentos perpassam pela sua prática social e possuem uma relação dialógica e intercultural.

Adotamos alguns critérios de caráter ético, principalmente, a preservação da identidade e alteridade dos participantes do trabalho. Sendo assim, explicitamos aos

participantes os objetivos da pesquisa e solicitamos a colaboração com a pesquisa; asseguramos também as condições legais de atuação do pesquisador para com os participantes.

Assim, com esta pesquisa, criamos um banco de dados referente a narrativas locais disponibilizado aos moradores-narradores e, usado nesta pesquisa para a discussão a respeito dos posicionamentos éticos dos personagens da história, sobretudo no contexto da educação na Amazônia.

Este trabalho, junto às demais iniciativas existentes, irá ampliar o conteúdo das reflexões no campo teórico a partir de uma análise dos saberes culturais de narrativas da Baía do Sol-Mosqueiro-PA, por meio de relatos dos moradores-narradores, posteriormente sistematizadas, a fim de contribuir com o campo de pesquisa e aprofundar os estudos, no que concerne aos saberes amazônicos.

A verificação dos dados foi realizada a partir da análise dialógica das narrativas após a transcrição das rodas de conversas, de maneira que foi possível identificar os relatos orais e seus posicionamentos éticos, que estão pautados nas narrativas de vida, baseadas na leitura de mundo dos moradores-narradores, registradas a partir das gravações dos encontros dialógicos.

As narrativas analisadas foram a partir da metodologia narrativa, posteriormente sistematizadas por meio da abordagem dialógica e crítica, buscando fazer uma contextualização com a metodologia bakhtiniana. No que concerne a esta pesquisa, é possível discutir a temática da metodologia de história de vida com base na Análise Dialógica do Discurso, que envolve os relatos orais dos moradores-narradores.

A partir deste estudo, esperamos contribuir para a metodologia de pesquisa em educação por meio das narrativas de vida, visando potencializar os relatos de vida dos moradores-narradores, bem como contribuir para novos estudos que correlacionem a temática: metodologia narrativa de vida e posicionamentos éticos, a fim de possibilitar a discussão desse tema nas instituições de ensino escolar e universitário.

Agora nos dedicamos a apresentar as partes desta dissertação. Nesta primeira seção, apresentamos a iniciação deste trabalho, pontuando a trajetória, um passeio pela estrutura desta narrativa acadêmica, acerca do objeto de estudos, objetivos, procedimentos metodológicos, problema de pesquisa, as análises e considerações principais.

Na segunda seção, realizamos uma incursão em vista da pesquisa narrativa de vida em educação, como processo de compreensão para posterior realização das rodas de conversa, sendo que neste estudo abordamos sobre a metodologia das ciências humanas: análise dialógica; posicionamento ético; conceito acerca do ato de narrar; o círculo de cultura de Paulo Freire como subsídios das rodas de conversa; uma abordagem sobre quem são os moradores-narradores da pesquisa; o *lôcus* de pesquisa e uma discussão em vista dos saberes culturais e a interculturalidade dos moradores-narradores da Baía do Sol, Mosqueiro-PA.

Na terceira seção, apresentamos a análise das rodas de conversa, visto que, todas as etapas estão descritas, bem como ocorreram, as imagens dos encontros com os moradores-narradores, o diálogo epistemológico, na perspectiva dos posicionamentos éticos e os saberes culturais, contidos em suas narrativas de vida. Analisamos os dados do *corpus* de pesquisa, por meio da análise dialógica das narrativas de vida dos moradores-narradores da Baía do Sol- Mosqueiro-PA. Discutimos os posicionamentos éticos em vista de seus relatos, sob as intervenções teóricas dos autores que embasam este trabalho em consonância com o conceito de ética de Bakhtin. Portanto, são apontados os resultados desta pesquisa nas análises das narrativas de vida, tendo em vista os moradores-narradores como os coautores desse processo dialógico.

Concluimos estas seções, com o propósito de aprofundarmos as discussões sobre as questões das rodas de conversa e quem são os moradores-narradores, dando ênfase a abordagens e concepções com base nos constructos teóricos de Mikhail Bakhtin, a fim de considerar as especificidades do estudo por conta dos participantes atuantes e do local a ser realizado em vista das análises dialógicas das narrativas de vida.

No que concerne, este estudo dialógico, apresentamos considerações finais deste trabalho de pesquisa, os estudos em relação à metodologia narrativa de pesquisa em educação, pautada na perspectiva bakhtiniana, bem como narrativas de vida contextualizadas a partir do posicionamento ético dos enunciadores. Portanto, apresentamos a reflexão crítica no que concerne ao diálogo epistemológico dos autores e coautores por meio da análise dialógica em vista dos saberes culturais dos narradores e os resultados desta abordagem teórica-metodológica-crítica-dialógica deste trabalho científico-narrativo.



## 2 A PESQUISA NARRATIVA DE VIDA EM EDUCAÇÃO

Nesta seção, discorreremos sobre parte da trajetória teórico-metodológico da pesquisa narrativa de vida das mulheres, dos homens e dos idosos, moradores da Baía do Sol, em Mosqueiro-PA. Apresentamos a organização desta seção:

Na subseção 2.1 trataremos da metodologia das ciências humanas, do diálogo como pressuposto para a pesquisa em educação, visando as narrativas de vida dos moradores-narradores.

Na subseção 2.2 trataremos sobre a análise dialógica para este diálogo epistemológico em vista das narrativas de vida dos moradores-narradores da Baía do Sol-Mosqueiro-PA.

Na subseção 2.3 apresentamos o diálogo acerca do posicionamento ético, na perspectiva bakhtiniana, os conceitos de ética como relação aos participantes da pesquisa.

Em seguida, na 2.4 apresentamos o conceito de ato de narrar.

Na subseção 2.5 realizamos um diálogo sobre o círculo de cultura de Paulo Freire como subsídio para as rodas de conversa.

Na subseção 2.6 apresentamos os moradores-narradores, participantes desta pesquisa.

Na 2.7 apresentamos o *lócus* da pesquisa, dando relevância do território para os moradores-narradores.

Na 2.8 apresentamos uma discussão sobre os tipos de saberes culturais e a Interculturalidade que emergem nas narrativas de vida dos moradores-narradores que possui relação com suas práticas sociais. Visibilizando os conhecimentos dessas pessoas seu sentimento de pertencimento que mantém viva a memória deste local.

Cada etapa foi fundamental para construção deste estudo, considerando as narrativas de vida dos moradores-narradores na qual nos apresentaram com suas memórias e vivências neste estudo. Os textos apresentados possuem relação com os saberes culturais, com as histórias de vida amazônicas.

## 2.1 METODOLOGIA NARRATIVA NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Esta pesquisa se pauta nos preceitos da abordagem qualitativa, que possibilita guiar este processo investigativo complexo em vista das narrativas de vida promovidas por rodas de conversa no contexto Amazônico.

Neste trabalho de pesquisa em educação pretendemos trazer um olhar crítico e amplo sobre as possibilidades de procedimentos metodológicos, no que tange compreender como estão sendo realizadas as pesquisas, quais os processos até chegar aos resultados, qual o caminho metodológico, como são realizadas as análises e os critérios para escolha do procedimento, visando a realização de uma investigação com qualidade e ampliando o campo teórico metodológico.

A abordagem qualitativa está presente no contexto educativo por meio da metodologia narrativa de pesquisa em educação coerente com os seus participantes, moradores-narradores.

Nesta perspectiva sobre a metodologia narrativa como pesquisa em educação, ressaltamos que:

Assumimos a não imparcialidade, não neutralidade, (im)precisão, subjetividade de qualquer indivíduo (escritor ou leitor) e sabemos que podemos oferecer o rigor da verossimilhança, o calor da afetuosidade, a emoção do compartilhamento de nossas experiências narradas em nossas pesquisas (SARODIO; PRADO, 2015, p. 93).

É importante compreender o que é uma pesquisa, o que significa seu conceito para realizarmos estudos de qualidade, e que, a partir desta reflexão, sejam ressignificados e construídos novos caminhos para o conhecimento, ampliando e contribuindo com a síntese da realidade em um contexto social-econômico-político-educacional-cultural. Pois, “para realizar uma pesquisa é necessário um trabalho intenso e profundo, é necessário haver um confronto entre os dados, as informações, coletas sobre o assunto e o conhecimento teórico” (TEIXEIRA, 2015, p. 8).

Diante dessa reflexão, que nos sugere um caminho a ser percorrido, o pesquisador não pode ser neutro no processo de investigação. Sendo assim, é relevante esta diversidade de possibilidades de explicar a realidade, para além de como eu vejo o outro, mas a partir do olhar crítico, levando em consideração a perspectiva dele como sujeito crítico, político e histórico-cultural.

Dentro deste contexto, sobre as metodologias nas ciências humanas, trazemos uma análise que na perspectiva bakhtiniana tem os seguintes procedimentos:

- 1) A percepção psicofisiológica do signo físico (palavra, cor, forma espacial).
- 2) Sua inteiração (como conhecido ou desconhecido). A compreensão de seu significado reprodutível (geral) na língua.
- 3) A compreensão de seu significado em dado contexto (mais próximo e mais distante).
- 4) A compreensão ativo-dialógica (discussão-concordância). A inserção no contexto dialógico. O elemento valorativo na compreensão e seu grau de profundidade e de universalidade (BAKHTIN, 2017, p. 63).

Entendemos que esses procedimentos podem ser adaptados à nossa pesquisa das narrativas de vida, potencializando as falas dos moradores-narradores a partir de seus posicionamentos éticos sobre as narrativas amazônicas envolvidas na promoção do diálogo com o cotidiano e suas práticas sociais, com base no processo educativo e autônomo de narrar como sujeito participativo. O diálogo foi fundamental para apropriação desta metodologia científica.

De acordo com Bertaux (2010, p. 89), a narrativa de vida “constitui apenas um momento no contexto de uma totalidade”, um recorte social do contexto geral. Portanto, são relevantes para o processo metodológico das rodas de conversa, bem como para a compreensão do estudo e da realidade por meio do discurso dos moradores-narradores.

A pesquisa narrativa em educação exige “que o pesquisador se coloque como participante da pesquisa, de maneira subjetiva, implicada e nada neutra, com seus atos responsivos ao que vier, inclusive conflitos” (SERODIO; PRADO, 2015, p. 101). Sendo assim, mesmo que o pesquisador tenha preparado seu roteiro e pretende alcançar seu objetivo, é importante está atento, pois:

Ainda que tenham objetivos concretos que dirigem seus atos investigativos, eles estão na relação com os estudantes, então outros horizontes de futuro se abrem. E, portanto, outras formas típicas de enunciados são possíveis com a inserção do estilo individual no geral, que é elemento intrínseco dos gêneros (SERODIO; PRADO, 2015, p. 101).

Partindo deste pressuposto acerca da pesquisa narrativa sobre a perspectiva das ciências humanas, neste processo dialógico, reconhecemo-nos como supradestinatário, na ampliação e interação, bem como a mediação deste diálogo, que parte das narrativas de vida dos moradores-narradores da Baía do Sol, em

Mosqueiro, na qual foram situados seus relatos no tempo e espaço, em vista da rememoração de suas vivências.

Dessa compreensão da valoração dos moradores-narradores, em que os reconhecemos como seres expressivos e falantes, apropriamo-nos da dialogicidade para construir este pensamento nos pressupostos de Bakhtin (2014), que são inesgotáveis de saberes, conhecimentos e narrativas de vida. Sendo assim, acreditamos que, como pesquisadores dialógicos, vislumbramos sobre a totalidade de cada participante atuante das rodas de conversa. Temos claro que:

O objeto das ciências humanas é o ser expressivo e falante. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado. A máscara <?>, a ribalta, o palco, o espaço ideal, etc. como formas reais de expressão da representatividade do ser (e não da singularidade e da materialidade) e da relação desinteressada com ele. A exatidão pressupõe a coincidência da coisa consigo mesma. A exatidão é necessária para a assimilação prática. O ser que se autorrevela não pode ser forçado e tolhido (BAKHTIN, 2017, p. 59).

Nesta reflexão das ciências humanas, na compreensão bakhtiniana é possível pensar uma pesquisa dialógica, primando ao respeito das histórias de vida dos moradores do *lócus* deste estudo. Pois assim, os participantes da pesquisa são dotados de conhecimentos que por meio das rodas de conversa são socializados em comunhão com os demais.

Neste entendimento, o diálogo como metodologia de pesquisa, possibilita uma riqueza de narrativas de vida, que constroem uma outra lógica de fazer ciência, pois assim, conseguimos obter relatos fundamentais que compõem o estudo e chegamos na compreensão e resultados seguros e confiáveis. Portanto, este estudo tem relevância para o campo das ciências humana a partir de uma outra possibilidade de fazer pesquisa.

## 2.2 OS FUNDAMENTOS DA ANÁLISE DIALÓGICA DAS NARRATIVAS DE VIDA

A análise dialógica baseia-se nos pressupostos de Mikhail Bakhtin, tendo em vista seus estudos e obras na qual motivou o surgimento de uma análise/ teoria dialógica do discurso. Suas influências estão nos estudos linguísticos e literários e, também, nas Ciências Humanas como um todo, como suporte teórico para as

discussões, no que concerne estudos e avanços no campo de pesquisa em educação (BRAIT, 2006). Nesse sentido, acerca da análise dialógica, pautamos que:

É possível explicitar seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas. Mais ainda, esse embasamento constitutivo diz respeito a uma concepção de linguagem, de construção e produção de sentidos necessariamente apoiadas nas relações discursivas compreendidas por sujeitos historicamente situados (BRAIT, 2006, p. 10).

As relações dialógicas, baseiam-se no diálogo entre os falantes. O fundamental desse estudo acerca da compreensão do discurso dialógico na visão de Bakhtin (2016) está em trazer o diálogo com seus fundamentos para a análise dialógica, dentre as quais as narrativas de vida.

A análise dialógica promove este diálogo entre o autor, pesquisador-narrador, e os moradores-narradores a partir de réplicas que entrelaçam por meio do diálogo, bem como réplicas dos participantes, intensificando-se a compreensão do dialogismo.

A categorização e a reconstrução analítica de organização das narrativas de vida pautaram-se nas reflexões trazidas pelo campo de pesquisa a partir dos relatos, com fortes referências aos mitos amazônicos, em especial à Matinta Pereira, narrativa presente em todas as rodas e ponto de partida para as análises.

Nesse sentido, apresentamos as análises como pressuposto dialógico, pois, “o diálogo envolve <?> enunciados de ao menos dois sujeitos, mas sujeitos interligados por relações dialógicas, que conhecem um ao outro, respondem um ao outro, e essa ligação” (BAKHTIN, 2016, p. 114)<sup>1</sup>. Segundo tal conceito, buscamos analisar as narrativas de vida, a partir do posicionamento dos moradores-narradores nesse processo dialógico como metodologia científico-narrativa de pesquisa em educação.

A partir das narrativas de vida dos moradores-narradores, identificaremos o posicionamento ético por meio de trechos significativos que compõem a fala dos mesmos, buscando compreendermos seu fundamento com base nos pressupostos dialógicos de Bakhtin (2016).

---

<sup>1</sup> A marca <?> se refere a um trecho não identificado na obra desse autor.

No que concerne às narrativas de vida, com base nos encontros, diante das retranscrições dos relatos significativos, tivemos como referências que o diálogo passa por três etapas, que analisaremos a seguir.

Em uma conversa entre duas pessoas, a comunicação passa por três canais simultâneos: a comunicação não-verbal (gestos, movimentos dos olhos, expressões da face), as entonações da voz e as próprias palavras. O registro sonoro não retém o não verbal, da mesma forma que a operação de retranscrição não retém a voz (BERTAUX, 2010, p. 90).

Com base na retranscrição das narrativas de vida dos moradores-narradores das rodas de conversa, foi fundamental perceber que o trabalho não se limitava apenas nas palavras, mas na entonação da voz, nos gestos das mãos e das faces e tentar passar para a escrita as sensações e emoções dos participantes no ato de narrar (BERTAUX, 2010).

As rodas de conversa foram primordiais, no que concerne a trazer para o campo teórico-metodológico a prática da conversação, juntamente com as narrativas de vida dos moradores-narradores pesquisados. Sendo assim, possibilitaram construir o *corpus* da pesquisa e a compreensão do fenômeno, enquanto objeto que se relaciona com os aspectos sociais, políticos, culturais, históricos que estão entrelaçados na Baía do Sol, em Mosqueiro-PA.

Nas narrativas de vida com base em Bertaux (2010), no que tange as metas das análises, não nos detemos em extrair todas as informações sobre a narrativa, mas sim, o micro, que será essencial para alcançar o macro, no que será pertinente, tendo em vista os objetivos traçados e relacionados ao objeto de estudos, que serão relevantes para o processo da construção da análise dialógica em conversa com os autores e o pesquisador-narrador.

Para Bertaux (2010), as situações micros são referentes à realidade dos moradores-narradores, como os conflitos desta localidade; as questões macros estão relacionadas ao contexto global, maior, bem como os conflitos que interferem no dia a dia, que estão relacionadas com questões sociais, econômicas, educacionais, culturais, ambientais e políticas. A partir desta compreensão:

Iniciar a apresentação da análise/teoria dialógica do discurso dessa maneira significa, de imediato, conceber *estudos da linguagem* como formulações em que o conhecimento é concebido, produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos e, ao mesmo tempo, reconhecer que essas atividades intelectuais e/ou acadêmicas são atravessadas por idiosincrasias institucionais e, necessariamente, por uma ética que tem na

linguagem, e em suas implicações nas atividades humanas, seu objetivo primeiro (BRAIT, 2006, p. 10).

A análise dialógica perpassa por todo o processo deste estudo narrativo-científico, bem como os procedimentos e planejamento para as rodas de conversa, construção das etapas, o diálogo durante a conversação concernente às rodas de conversa, no que diz respeito a todo o procedimento metodológico desta pesquisa.

Outra questão fundamental na construção deste conhecimento acerca da análise dialógica são as narrativas de vida que emergem durante as rodas de conversa. As narrações compõem outra etapa que constitui esta compreensão de análise na perspectiva bakhtiniana, na qual pauta-se no diálogo entre diversas narrativas e saberes culturais desses moradores-narradores.

Etapa seguinte da análise são as perguntas problematizadoras que animam a discussão no decorrer das rodas de conversa, em vista de proporcionar um aprofundamento e compreensão dos posicionamentos éticos dos moradores-narradores. Sendo assim, convém contemplar os objetivos traçados para este estudo e posterior concluir por meio dos resultados deste estudo a partir da análise que o pesquisador-narrador constrói neste processo dialógico.

Esta etapa é fundamental para compreensão da análise dialógica constituindo os posicionamentos éticos dos moradores-narradores expostos nas rodas de conversas por meio de seus posicionamentos éticos, bem como opiniões divergentes; comparações entre os discursos na qual percebemos esta análise a partir desses posicionamentos de diversas falas significativas. Portanto, desta forma compreendemos como uma das etapas desta análise promovida por meio do discurso.

A contextualização das falas compõe todo o processo da análise dialógica deste estudo a partir do posicionamento ético em vista das narrativas de vida dos moradores-narradores, pois no decorrer das rodas de conversa na qual são socializadas com o grupo participante dos encontros, por meio do círculo de cultura como fundamentação do diálogo.

Diante desta compreensão acerca da análise dialógica é relevante compreendermos que os resultados deste estudo, parte das categorias, que são as tipologias éticas – categorias construídas pelo pesquisador-narrador a partir de estudos teóricos e diálogo com os moradores-narradores –, também a partir dos tipos de saberes culturais que compõem a lógica de vida deles. Nesse sentido, vale

ressaltarmos o processo que percorrer por todas as etapas de elaboração do conhecimento por meio deste estudo dialógico.

No que concerne este estudo, todos os procedimentos, desde os teóricos, categorias, posicionamentos éticos, narrativas de vida, diálogo por meio das rodas de conversa, comparação dos discursos e comentários faz parte da análise dialógica Bakhtiniana, a qual é elemento crucial para realização desta pesquisa.

É necessário entendermos que a análise dialógica se faz presente em todas as etapas, a princípio acerca do diálogo com os moradores, durante o processo de investigação, ao longo da produção acadêmica da escrita na qual passa por todo o procedimento metodológico, em vista do ato de narrar dos moradores-narradores.

Ao longo desse processo de ouvir as narrativas de vida dos moradores-narradores é possível entender e compreender seu contexto social e valorizar seus saberes populares, que possuem sabedorias e ancestralidades, bem como fatos narrados que contam com maior expressão facial, alegria, às vezes, com emoção, também corporal e muita convicção.

Percebemos a relação das narrativas com o cotidiano desses moradores, e, em certos casos, interferem na rotina. São relatos que não estão registrados em documentos escritos, mas na memória dos moradores-narradores da Baía do Sol-Mosqueiro-PA, e, de acordo com Benjamin (1985, p. 198), “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorreram todos os narradores”.

Percebemos que, mesmo passando por várias dificuldades, discriminações, opressões, resistem e se reinventam e rompem com lógicas opressoras na garantia de sua existência, atuando coletivamente no diálogo com a realidade que envolve os moradores-narradores da Baía do Sol-Mosqueiro-PA.

Pereira e Mendes (2012, p. 9) contam que “ao longo da História da Baía do Sol, viveu acontecimentos que marcaram a vida da comunidade, sendo lembrado, mas não comentadas pela geração mais velha”. Porém, estão na memória dessas pessoas, assim como as narrativas amazônicas, que se materializam por meio de seus relatos orais, bem como rememoradas pelos mais velhos, os quais necessitam compartilhar com a atual geração.

Realmente é um dos momentos mais significativos desta caminhada metodológica, bem como uma etapa de reflexão profunda sobre a riqueza de outros saberes, outras pedagogias e outros sujeitos na Amazônia.



## 2. 3 POSICIONAMENTO ÉTICO DAS NARRATIVAS DE VIDA

Com base nos pressupostos bakhtinianos, iremos dialogar acerca da reflexão teórica a partir da obra **Para uma filosofia do Ato Responsável** (2014), em vista das narrativas de vida e posterior compreensão do posicionamento ético e os saberes que serão evidenciados a partir dos moradores, sujeitos da pesquisa.

Para Bakhtin (2014), o ato de pensar e de ação é extremamente ético, em vista de uma dimensão real do ato vivido de cada um e, só é possível a partir de uma reflexão na qual o indivíduo faz uma avaliação e se posiciona assumindo o que acredita ou fala. Portanto, pensar, refletir, analisar, avaliar e se posicionar por meio desta visão é considerado um ato responsável e ético. Desta forma, podemos perceber que:

É um de todos aqueles atos que fazem da minha vida única inteira um realizar ininterrupto de atos [*postupíenie*], Porque minha vida inteira como um todo pode ser considerada um complexo ato ou ação singular que eu realizo: eu realizo, isto é, executo atos, com toda a minha vida, e cada ato particular e experiência vivida é um momento constituinte da minha vida – da contínua realização de atos [*postupíenie*], Como um ato executado, um dado pensamento forma um todo integral: tanto seu conteúdo-sentido quanto o fato de sua presença na minha consciência real – a consciência de um ser humano perfeitamente determinado – em um tempo particular e em circunstâncias particulares, isto é, toda a historicidade concreta de sua realização – ambos os momentos (o momento do conteúdo-sentido e o momento histórico-individual) são unitários e indivisíveis na avaliação desse pensamento como minha ação ou ato responsável (BAKHTIN, 2014, p. 20-21).

Percebemos que o ato ético em Bakhtin se baseia no posicionamento de cada um, o qual faz a partir de suas reflexões e pensamentos e ação singular resultante de sua experiência vivida e de repetição do mesmo ato em determinado momento histórico e individual. No que se refere às narrativas dos moradores-narradores, bem como nas falas, essa afirmativa também se aplica. Uma vez que emerge tal reflexão, pontuamos as perspectivas do pesquisador e do pesquisado, conforme seus posicionamentos.

Em relação ao posicionamento ético, relacionaremos ao ato de pensar, refletir e ressignificar, no que tange **a tomada de decisão** a partir do **pensamento que cada pessoa constrói**, levando em consideração a cultura, sua historicidade e os valores que perpassam por sua trajetória vivida. No que concerne este assunto, a

ética está relacionando ao ato de pensar, de avaliar e de agir mesmo que involuntariamente.

De acordo com Bakhtin (2014), o ato ético ocorre quando o eu e o outro entram em diálogo, proporcionando uma reflexão, a partir da análise de ambos os lados em decidir sobre suas escolhas. Portanto, interpretamos o posicionamento diante das escolhas com responsabilidade de cada sujeito em uma relação de interação. Nesta perspectiva, as rodas de conversa se apresentaram como forma de valorização das narrativas de vida. As falas foram decisivas para identificar as tipologias éticas – elaboradas pelo pesquisador-narrador ao longo do estudo sobre ética de Bakhtin – que estavam inseridas nos discursos dos moradores-narradores.

Neste diálogo acerca da ética na perspectiva bakhtiniana, observaremos o ponto de vista de Miotello (2018), que contribui para nossa discussão no que tange a afirmação de que “o ato de pensar é um ato que é responsável. Eu devo responder por ele, ele é assinado, tem a minha assinatura, tem a minha responsabilidade. Depois que assino, não posso mais escapar de responder por aquilo” (MIOTELLO, 2018, p. 27-28).

No que concerne às discussões levantadas neste tópico, a nossa interpretação, que leva em conta a perspectiva de Bakhtin (2018) do ato de pensar como ético a partir das narrativas de vida – no que tange as reflexões e avaliações inseridas nas falas dos moradores-narradores – visa obedecer a uma necessidade que não é forçada ou regra, mas que parte da compreensão interna e lógica do posicionamento ético das conclusões e reflexões do pensamento crítico em vista da visão de mundo dos moradores.

O diálogo é fundamental durante o processo de conversação, pois nos aproxima das suas formas de ser, pensar, viver, em que não há quem sabe mais ou quem sabe menos, pois todos sabem uma história e do seu jeito, contribuem com seus saberes, para explicar acontecimentos e posicionamentos éticos, e isso depende da relação entre dois ou mais sujeitos em comunhão pelo seu ato responsivo (BAKHTIN, 2014). Acerca de atitudes éticas sobre o posicionamento dos moradores, vale ressaltar:

Não existem normas morais que sejam determinadas e validadas em si como normas morais, mas existe um sujeito moral com uma determinada estrutura (não uma estrutura psicológica ou física, é claro), e é nele que nós temos de nos apoiar: ele saberá o que está marcado pelo dever moral e

quando, ou, para ser exato: pelo dever como tal (porque não há dever especificamente moral) (BAKHTIN, 2014, p. 23).

Nesta perspectiva acerca da ética, para Bakhtin (2014), não existe um sujeito moralmente pronto, certo e acabado, mas, sim, em diálogo com o outro e que, a partir de suas relações, se compreendem e reaprendem a ouvir, constroem outro conhecimento. Pois, a ética passa a ser definida entre os sujeitos a partir de sua realidade em comunhão com todos ao seu redor em processo de construção coletiva.

No que tange o posicionamento ético dos moradores-narradores, apresentamos a compreensão de ética entre uma relação eu-tu, que perpassa por vários fatores sociais, a partir da interação. Pois, de acordo com Maldonado-Torres (2017, p. 128), “o início do filosofar não aparece no encontro entre sujeitos e objeto, mas na ética, entendida como uma relação fundamental entre um eu e outro”.

A partir da reflexão acerca da valorização dos saberes populares e do conhecimento dos posicionamentos éticos em ambientes sociais e específicos, observamos um cenário diversificado que resulta na riqueza sobre as práticas cotidianas, especificamente em contextos de grupos e sujeitos históricos, que constroem e reconstroem seus saberes em meio a suas vivências e práticas de vida específicas, como todos os povos da Amazônia. Para Bakhtin essas relações são fundamentais nesse processo identitário visto que:

As relações sociais, as relações culturais, aquelas reconhecidas, oficialmente, codificadas, as relações que contam juridicamente são relações entre identidade do gênero, entre diferenças indiferentes à singularidade, relações estruturalmente estáveis por contraste e, portanto, relações opositivas e conflitantes, nas quais a alteridade de cada um é apagada, e nas quais, na melhor das hipóteses, vigora a tolerância do outro, mas sempre como tolerância do outro que pertence ao gênero, do outro em geral, cuja diferença é a da identidade do conjunto a que pertence (BAKHTIN, 2018, p. 18).

No que concerne esta compreensão de Bakhtin (2018), vale ressaltar que independente das relações sociais, a ética se apresenta por meio da relação com o outro e consigo também. Por isso, o posicionamento ético a partir dos encontros nas rodas de conversas, foi primordial neste processo dialógico na qual se destaca a partir da coletividade de identidade do grupo que pertencemos.

## 2. 4 O ATO DE NARRAR

De acordo com Bertaux (2010), o ato de “contar” uma história nos permite narrar, pontuar os detalhes, fazer um recorte do que é necessário para a comunicação com o outro, proceder uma descrição, ou até mesmo julgar as ações dos personagens.

De acordo com Bertaux (2010, p. 47), “o verbo ‘contar’ (fazer relato de) é aqui essencial: significa que a produção discursiva do sujeito tomou a forma de narrativa”. Esse autor ainda afirma que as narrativas de vida nos provocam a refletir e a perceber se o relato tem predominância do tipo narrativo, descritivo, explicativo ou avaliativo, partindo do pressuposto que podem ocorrer narrações, descrições, explicações e avaliações.

Tendo como uma das motivações as rodas de conversa, trouxemos à tona as discussões das narrativas dos moradores, bem como o contexto amazônico e a compreensão dos tipos de éticas envolvidas nos atos de fala, a partir do ponto de vista dos participantes da pesquisa. Pois, as opiniões são relevantes para o processo de investigação e por meio delas contextualizar com a situações globais a partir da realidade desses moradores.

Epistemologicamente, essa metodologia nos permite dialogar acerca dos saberes contidos nos relatos orais desses enunciadorees, a partir de uma inserção de suas relações sociais em que os sujeitos se reconhecem por meio da linguagem e é por meio dela que se mostram atuantes a ponto de interferir na vida do outro, ou seja, a linguagem é uma criação coletiva em que se manifesta a ontologia do eu-para-mim, do eu-para-o-outro e do outro-para-mim, conforme os termos utilizados por Bakhtin (2003).

Ao adentrarmos no mundo da narrativa, um novo mundo é construído, no qual símbolos verbais se relacionam, confrontam-se, excluem-se e até se ressignificam, afinal, estamos lidando com o mundo da cultura quando se pretende criar um sentido para a vida por meio dos sentimentos, expressões faciais, afetividades e amorosidades.

Sendo assim, o diálogo promovido em virtude das narrativas de vida é de suma importância para preservar e divulgar esse conjunto de construções culturais – principalmente centradas em narrativas orais – que passam de geração em geração.

Pois, “a metodologia narrativa de pesquisa parte das relações reais para produzir a concretude de seus enunciados” (SERODIO; PRADO, 2015, p. 100).

No que concerne à narrativa de vida como mecanismo neste processo de pesquisa científica no campo de educação, é relevante entender que:

Texto é sua materialidade, gênero só pode ser compreendido levando em conta o desejo de alguém de pronunciar-se para alguém, ambos situados no tempo, espaço e relações sociais e fazendo uso dos elementos intrínsecos apontados anteriormente. Sem o texto não há gênero, mas sem relações sociais não há desejo de comunicação que se estabeleça tipicamente dentro de uma esfera social e que possibilita a produção textual (SERODIO; PRADO, 2015, p. 94).

Nesse sentido, é perceptível a riqueza de relatos desses moradores, que constroem cada dia sua história como seres histórico-culturais e com isso mantêm viva toda essa diversidade de saberes populares. Uma vez que, “O diálogo traz a marca não de uma, mas de várias individualidades” (BAKHTIN, 2016, p. 15).

O diálogo não é apenas pessoas falando frente a frente, mas toda sua dinâmica que envolve seus saberes acerca de seu contexto, expressões corporais, gestos e qualquer forma de se expressar, haja vista que são relevantes e trazem consigo suas histórias de vida e os posicionamentos éticos. Diante disso, “a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta” (VOLOSHINOV, 2017, p. 124).

É importante observar e participar da cultura local, valorizar esses moradores-narradores e, também suas origens, abrangendo a cultura familiar, na qual os mais antigos repassam para os mais novos o que se convencionou chamar de herança cultural: as músicas regionais, a prática da medicina alternativa, o plantio e a colheita de frutos, a pesca, a preparação da farinha, o artesanato popular, as manifestações populares e as narrativas amazônicas.

Por isso, neste trabalho nos centramos nas narrativas de vida contadas pelos moradores-narradores, a partir das rodas de conversa. Defendemos que a partir destas é possível identificar os posicionamentos éticos, visto que, os encontros dialógicos foram por meio do diálogo, e assim tivemos a oportunidade de ouvir e conhecer suas formas de viver e agir sobre uma realidade.

Temos como subsídio, a roda de conversa como base para os encontros dialógicos, a qual proporcionou uma relação sem hierarquias. Sendo assim, não havia quem sabe mais ou menos, mas sim, todas as falas foram significativas e

relevantes para compreensão deste estudo. Defendemos o diálogo como forma de agir sobre o mundo, no sentido de que quando cada um profere sua palavra, torna-se humano (FREIRE, 2014).

As rodas de conversa foram fundamentais nesse processo de pesquisa fundamentado pelo diálogo, tendo a forma de diretriz deste processo de pesquisa. Nesta perspectiva de escuta e fala, “o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia” (FREIRE, 2014, p. 113). Portanto, o diálogo durante os encontros é fundamental para incentivar a interação dos moradores-narradores, bem como construir um pensamento crítico a partir da dialogicidade. Ao ponto que as narrativas possuem sentido artesanal de comunicação:

Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. Os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essa história a uma experiência autobiográfica (BENJAMIN, 1985, p. 205).

No processo de contar as narrativas de vida e suas lendas amazônicas, percebemos a amplitude da educação no ato de narrar e no socializar seus saberes, quando rememoram as tradições orais com teor cultural, relacionadas em um contexto histórico e epistemológico que se apresentam como resistência. É neste cenário sociopolítico-econômico-cultural que os moradores-narradores estão inseridos e emergem por meio das narrativas de vida.

No que concerne à categoria narrador, Benjamin (1985) destaca o seguinte: o narrador só se torna perceptível a partir do momento que compreendemos que existem dois grupos ou tipos de narradores, aquele que possui muitas histórias para contar, por conta de suas vivências em diferentes lugares, e aquele que vem de outro lugar cheio de contos e causos de suas viagens.

No primeiro caso, é alguém que sabe de sua cultura, possui muitas histórias de seu povo, localidade, e se torna um guardião das narrativas, cheias de tradições culturais. Portanto, ao longo de sua trajetória de vida, foi conquistando a confiança e respeito das pessoas com quem se relaciona por meio do narrar suas vivências (BENJAMIN, 1985). O autor traça um perfil, uma figura do narrador fazendo relação aos metres e sábios:

Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila à sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a marcha de sua vida (BENJAMIN, 1985, p. 221).

O narrador é esta pessoa que possui um dom de contar histórias de sua vida. Sente prazer em contar suas experiências, sabe dar conselhos. É uma pessoa sábia, que conquistou este *status* ao longo da vida. Apesar de todos os aspectos tecnológicos, eles, os narradores, reinventam, e a arte de narrar passa por gerações, por pessoas simples e comuns espalhadas pelo mundo, que mantêm viva esta prática de (re)existência e sabedoria.

Para os narradores a ato de narrar é político e poético. A forma de contar suas lutas, ao longo da vida, se tornam estratégias que mantem viva, suas histórias e memórias. Sendo assim, por meio das narrativas nos encantam, somos conduzidos a uma viagem, aos mistérios de pessoas que são verdadeiros narradores da vida.

## 2. 5 O CÍRCULO DE CULTURA COMO BASE EPISTEMOLÓGICA DAS RODAS DE CONVERSAS

O Círculo de Cultura é a base epistemológica das rodas de conversa, pois para além de uma prática de conversação, são momentos de diálogo, troca de saberes, processos educativos que emergem por meio das narrativas de vida dos participantes atuantes desses encontros dialógicos no qual podemos contextualizá-las diante da compreensão coletiva, na visão de mundo dos participantes e do campo teórico-metodológico científico.

O parâmetro para os encontros dialógicos ocorre por meio do “Círculo de Cultura”, conforme designação de Freire (2014), possibilitando extrair desses momentos de diálogo, um corpus de pesquisa, de exposição de práticas, de narrativas de vida e de vivências. O Círculo de Cultura proporciona, que cada um compreenda seu lugar na sociedade e na coletividade.

Segundo o Dicionário Paulo Freire, apontamos sobre a concepção fundamental do círculo de Cultura:

Cada pessoa é uma fonte original e única portadora de uma forma própria de saber, e qualquer que seja a qualidade deste saber, ele possui um valor em si ...; Cada cultura representa um modo de vida e uma forma original e autêntica de ser, de viver, de sentir e de pensar de uma ou de várias comunidades sociais ...;

Ninguém educa ninguém, mas também ninguém se educa sozinho. As pessoas como seres humanos educam-se uma as outras e mutuamente se ensinam-e-aprendem, através de um diálogo, mediatizado por mundos de vivência e de cultura entre seres humanos, grupos e comunidades diferentes, mas nunca desiguais; Alfabetizar-se, educar-se (e nunca: “ser alfabetizado”, “ser educado”) significa... tomar consciência de si-mesmo ...; tomar consciência do mundo, a partir de um processo dialógico...; tomar consciência do outro (quem são os outros com quem convivo e partilho a vida? em que situações e posições nós nos relacionamos? e o eu isto significa?); e tomar consciência do mundo (o que é o mundo em que vivo? (STRECK; REDIN; ZITKOSKI, 2008, p. 77-78).

Sendo assim, o Círculo de cultura, proporciona estes momentos de diálogo, na qual todos em posicionados em forma circular, sem hierarquias, promovem conversas acerca das narrativas que constituíram e constituem suas vidas e se faz presente como papel fundante diante dos problemas sociais.

Compreendemos que o diálogo é fundamental para o procedimento durante a roda de conversa: o diálogo acontece quando dois universos se encontram, por meio do amor, do respeito, da esperança, da fé entre ambos, da criticidade por meio de uma relação de humanização.

Ainda de acordo com Freire (2014), é necessário fazer um levantamento do universo vocabular do grupo com quem trabalha; escolha de palavras ou temas do universo vocabular; criações típicas de situações da realidade; elaboração de roteiro para o debate no círculo de cultura; elaboração de fichas com a decomposição das palavras correspondentes ao vocábulo da realidade e das discussões ao longo das etapas.

De acordo com Freire (2014), o círculo de cultura tem como um de seus fundamentos a problematização, que pode ser gerada pelo tema de debate, sem hierarquias de pensamento ou imposição. É por meio da problematização ou questionamento que se pode construir uma educação libertadora/crítica, que oportuniza ao outro pensar, opinar e participar de maneira horizontal. Então, vale ressaltar sobre a problematização ou questionamento, como um dos princípios que impulsionam o círculo de cultura, visto que:



Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo (FREIRE, 2014, p. 95).

Este estudo é importante, pois proporcionou-nos perceber como são esses os participantes atuantes na roda de conversa. Nessa perspectiva, dialogam com autonomia, amorosidade, humanização e simplicidade, rompendo todas as lógicas hierárquicas, ainda presentes em uma prática antidialógicas. Neste sentido, “o diálogo não impõe, não maneja, não doméstica, não *sloganiza*” (FREIRE, 2014, p. 228).

Bakhtin (2014) nos provoca a refletir e agir sobre a questão do diálogo em uma perspectiva ética, não como moral, mas na relação entre o eu e o outro de forma que possibilite alteridade em suas relações. Pois, “ele é um participante real vivo no evento em processo do Ser: ele está em comunhão com a unidade única do Ser em processo” (BAKHTIN, 2014, p. 19). E acrescenta:

E, como resultado, dois mundos se confrontam, dois mundos que não têm absolutamente comunicação um com o outro e que são mutuamente impenetráveis: o mundo da cultura e o mundo da vida, o único mundo no qual nós criamos, conhecemos, contemplamos, vivemos nossas vidas e morremos ou o mundo no qual os atos da nossa atividade são objetivados e o mundo do qual esses atos realmente provêm e são realmente realizados uma e única vez (BAKHTIN, 2014, p. 20).

Os encontros educativos proporcionaram a dialogicidade de diversas gerações, nos quais foi possível aos participantes promoverem a circularidade de saberes que emergem a partir da visão de mundo em uma perspectiva emancipatória. Nessa perspectiva, Bakhtin nos aponta a seguinte reflexão:

A compreensão não repete nem dubla o falante, ela cria sua própria concepção, seu próprio conteúdo; cada falante e cada compreendedor permanece em seu próprio mundo; a palavra faculta apenas o direcionamento, o vértice do cone. Por outro lado, falante e compreendedor jamais permanecem cada um em seu próprio mundo; ao contrário, encontram-se num novo, num terceiro mundo, no mundo dos contatos; dirigem-se um ao outro, entram em ativas relações dialógicas (BAKHTIN, 2016, p. 113).

Portanto, neste vértice se criam e se estabelecem relações entre os participantes atuantes, bem como em um processo dialógico em comunhão entre o eu e o outro. No que concerne à dialogicidade entre os falantes, proporciona uma outra compreensão do falado em vista da relação falante-ouvinte, pois emerge uma

outra reflexão, outros saberes, reconhecimento e valorização de seus posicionamentos. Ainda nesta perspectiva dialógica, podemos ressignificar e construir outra compreensão acerca das falas significativas:

A compreensão sempre é prenhe de resposta. Na palavra do falante há sempre um elemento de apelo ao ouvinte, uma diretriz voltada para a sua resposta. Isto se manifesta com maior clareza no discurso dialógico. A relação entre as réplicas do diálogo difere da relação entre duas orações de um contexto monológico ou entre dois enunciados centrados no mesmo tema e não relacionados dialogicamente (BAKHTIN, 2016, p. 114).

Diante deste pressuposto, Freire (2014) também nos aponta várias reflexões acerca dos sujeitos atuantes desta construção coletiva em vista das narrativas de vida dos moradores-narradores. Portanto, é relevante a escuta, a valorização de seus saberes e visão de mundo por meio das narrativas que me permitem dialogar e com eles criar este mecanismo do empírico com o científico. Desse modo:

O educador problematizador re-faz, constantemente, seu ato cognoscente, na cognoscitividade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, são agora investigadores críticos, em diálogo com o educador, investigador crítico, também (FREIRE, 2014, p. 97).

De acordo com Freire (2014), quanto mais se proporcionam espaços de criticidade e problematização, mais se sentirão desafiados a mudarem e refletirem sobre suas próprias vidas e contextualizando com sua realidade, bem como conexões com os outros assuntos de seu contexto social de forma global e não algo desvinculado de sua realidade.

Essas narrativas são para além de uma simples conversa, elas representam significados próprios e reconhecemos cada posicionamento neste caminho como histórico-cultural que se configuram por meio do círculo de cultura, na qual cada um se reencontra-se acerca do diálogo, em que não se ensina, mas aprendemos em comunhão uns com os outros no processo dialógico.

No círculo de cultura, a rigor, não se ensina, aprende-se em “reciprocidade de consciências”; não há professor, há um coordenador, que tem por função dar as informações solicitadas pelos respectivos participantes e propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao máximo sua intervenção direta no curso do diálogo (FIORI, 2014, p. 15).

O diálogo é fundamental durante todo o processo de conversação, porque nos aproxima das formas de ser, pensar, viver, na qual não há quem sabe mais ou

quem sabe menos, pois todos sabem uma história para explicar acontecimentos e posicionamentos éticos que tomam nos seus atos cotidianos.

Com base em Bakhtin (2016, p. 114), “o diálogo envolve enunciado de ao menos dois sujeitos, mas sujeitos interligados por relações dialógicas, que conhecem um ao outro, respondem um ao outro”. Isto nos faz refletir sobre o diálogo como processo de interação e ligação que envolve os enunciadores, que no caso deste trabalho são os moradores, pois as rodas de conversas proporcionam momentos de conversação e “replicado diálogo” acerca das narrativas de vida em vista do universo amazônico.

Freire (2014) nos aponta que a problematização é de grande valia para o processo educativo, isto é, a partir da leitura de mundo, pode-se promover um processo de ensino-aprendizagem significativo, baseado na realidade desses moradores. Portanto, podemos proporcionar o reconhecimento e a valorização da identidade cultural e, de cidadão crítico e capaz de interferir no seu meio social.

Como asseveram Reis e Lopes (1988), a narrativa é um modo de transmissão de textos entre duas entidades – o narrador e o narratário. O narrador cria e recria habilidades a partir de sua realidade, com aptidão na forma de contar.

## 2. 6 OS MORADORES-NARRADORES

Com base nos enunciadores da pesquisa, foram selecionados sujeitos de 42 a 81 anos, adultos e idosos da Baía do Sol-Mosqueiro-PA, nativos da localidade e que possuíssem grau de pertencimento e que se disponibilizaram a contar suas narrativas. A consciência do pertencimento é fundamental nos moradores-narradores que participaram das rodas de conversa.

Descrevemos alguns aspectos relevantes acerca da vida dos moradores-narradores que contribuíram por meio de seus relatos com este trabalho, mediatizados por encontros dialógicos, rodas de conversa, na promoção do diálogo entre uma diversidade de saberes e rompimento de lógicas hegemônicas do saber.

**QUADRO 1 INFORMAÇÕES SOBRE OS MORADORES-NARRADORES.**

Nome	Idade	Tempo de moradia	Profissão
Maria das Graças Silva de Souza	71	71	Professora aposentada
Leonor Nazaré Silva Rocha	67	67	Agente de portaria
José Jorge da Silva	68	68	Motorista aposentado
Raimundo Crescêncio da Silva	77	77	Professor aposentado/diretor de escola e advogado
Maria Leontina dos Santos Silva	55	55	Pescadora
Maria de Lourdes dos Santos da Silva	54	54	Diarista, dona do lar
Pedrina dos Santos Silva	81	81	Agricultora, pescadora, parteira, rezadeira e curandeira
Sueli Conceição da Silva	38	38	Pescadora
Maria de Jesus Miranda	42	42	Dona do lar/Faxineira/cozinheira
Mario Cirilo Silva	80	80	Pescador

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

Quem são os moradores-narradores com quem dialogamos? São homens e mulheres participantes ativos e tomados de saberes culturais. Apresentamos uma abordagem crítica sobre esses moradores-narradores, que por meio de seus relatos, permitiram-nos fazer esta síntese, com base nas narrativas de vida, bem como o campo científico na construção coletiva de conhecimento empírico para o acadêmico.

Assim, este grupo de moradores-narradores – nativos da Ilha de Mosqueiro – participantes das rodas de conversas, foram compostos por 7 mulheres e 3 homens: possuem profissões distintas entre elas, pescador, outros são professores aposentados da época do Magistério; dona do lar; diarista; temos parteira; curandeira; agente de portaria; motorista; cozinheira e advogado aposentado.

Dentre as profissões, destacamos a atividade da pesca, principalmente, entre as mulheres, na qual regem a responsabilidade da casa junto ao esposo também. Diante deste contexto social a autonomia feminina dessas mulheres da Baía do Sol, Mosqueiro, é fundamental para desconstrução de uma sociedade patriarcal.

A escolha dos moradores-narradores se deu primeiramente devido uma aproximação com eles, por meio de uma relação de trabalho voluntário desenvolvido na localidade da Baía do Sol, em vista de atividades socioeducativas com crianças e adolescentes: trabalho desenvolvido por alguns dos moradores-narradores, em vista de um espaço em que crianças pudessem ser acolhidas por meio de atividades educativas, bem como jogos e brincadeiras.

Outro fator relevante foi a questão de serem nativos da Ilha, residir na localidade, também ser adulto e, de preferência os mais antigos da região, mas não foi uma regra, poderiam ter outro de outras faixas etárias.

São sujeitos que possuem conhecimento relevantes para o contexto social, permitindo construí-lo e reconstruí-lo por meio de seus saberes culturais, que se materializam em seu cotidiano, enfrentando os desafios de uma sociedade excludente.

É fundamental compreendermos quem são os integrantes das rodas de conversa, como se apresentam e quais seus posicionamentos diante dos fatos narrados. Portanto, o diálogo entre as diversas gerações durante as rodas de conversa foi significativo para a compreensão deste estudo.

Nesta reflexão crítica, vale ressaltar a importância enquanto pesquisador de necessariamente perceber cada um com suas especificidades e pluralidades de conhecimentos como sujeitos participantes atuantes nessa construção coletiva de saberes que emergem por meio das narrativas de vida. Pois, como explica Freire (2014, p. 73), “contudo, é preciso que creiamos nos homens oprimidos. Que os vejamos como capazes de pensar certo também”.

Na compreensão de Freire (2014), homens oprimidos são os marginalizados pela sociedade, porém, são capazes de se libertar da opressão a partir do momento da tomada de consciência diante da realidade e reconhecem seu opressor e compreendem por meio de suas práxis, um processo de transformação da realidade na qual se encontram e proporcionam que os demais também se libertem.

Nesta compreensão, o oprimido necessita reconhecer que está em situação de opressão e descobrir quem é seu opressor, para então liberta-se e iniciar um processo de libertação. Portanto, a pedagogia do oprimido é fundamental para os grupos sociais – movimentos sociais, ribeirinhos, quilombolas, indígenas, afrodescendentes, mulheres, idosos entre outros – visto como uma pedagogia humanista e libertadora (FREIRE, 2014).

Sobre esta perspectiva dialógica e problematizadora, no que tange os moradores-narradores atuantes das rodas de conversas, percebemos cada um com suas especificidades, sujeito histórico-cultural, atuante e a necessidade de narrar, dialogar, ser ouvido expor suas ideias, rememorar suas narrativas de vida e ressignificar suas ações diante do mundo e no mundo. Por isso, o trabalho dialógico

é humanizado na compreensão de que cada um é singular e plural ao mesmo tempo, proporcionando uma educação libertadora.

Em consonância com esta perspectiva, as concepções bakhtinianas+ afirmam ser cada pessoa é um ser único e dotado de conhecimentos, advindos de suas experiências de vida, por isso, os moradores-narradores são singulares e plurais ao mesmo tempo, porque não são vazios, no sentido de sua cultura e saberes, possuem uma relação dialógica com seu grupo social. Sendo assim, eles carregam consigo todas as interferências de todos aqueles que convivem ou já conviveram (BAKHTIN, 2016). Bakhtin chama isso de compreensão ativa e responsiva:

É justamente nessa compreensão ativa e responsiva que se fixa o discurso do falante: a compreensão não dubla o compreensível; essa dublagem passiva seria inútil para a sociedade. Mas no grau e no caráter do ativismo da compreensão existe uma diferença essencial entre o monólogo e o diálogo. Esse ativismo especial da intercompreensão dialógica determina a ação, o dramatismo<sup>2</sup> do discurso dialógico (BAKHTIN, 2016, p.122).

Como veremos, na seção de análise, os moradores-narradores são sujeitos falantes, carregados de saberes e conhecimentos, mesmo diante de situações do cotidiano, em que o monólogo se faça presente. Eles se reinventam por meio do discurso em virtude de seus saberes culturais que perpassam por ações de pilotar o barco, pescar, plantar, preparar remédios, bater açaí, entre outras. Por isso, nesta compreensão todos possuem uma narrativa de vida cheia de historicidade e vivências que constituem cada um dessas pessoas como ser único e plural (BAKHTIN, 2016).

## 2. 7 O LÓCUS DE PESQUISA

O *lócus* deste estudo foi a localidade da Baía do Sol, Mosqueiro-PA, região das Ilhas, localidade de trabalho cultural, educativo, de resistência e dona de várias praias que encantam quem passa por lá. As rodas de conversas aconteceram nos quintais dos moradores-narradores, onde ocorreram os encontros para contação de histórias que fazem parte de suas vivências.

---

<sup>2</sup> Como observam Botcharov e Gogotichvíli, em sua obra posterior Bakhtin não consolidou esse dramatismo como categoria vinculada à recepção do discurso dialógico em sua desintegração interna em diferentes vozes. Cf. "Notas ao Diálogo I", em M. M. Bakhtin, *Sobrante sotchinié-nii* (Obras reunidas), tomo 5, cit., p. 567. (N. do T

A localidade propicia a contação de suas narrativas de vida que possuem uma característica peculiar, referente aos narrados amazônicos, no que tange uma relação com a natureza, com a mata, com as águas dos rios e com os mistérios da cultura popular paraense, mas com originalidade e veracidade das narrativas que perpassam gerações.

Mosqueiro, pertencente ao Distrito de Belém, Região das Ilhas, foi o local em que ocorreram as rodas de conversa, especificamente na Baía do Sol, nos quintais dos moradores-narradores. O grupo escolhia a casa onde aconteceriam os encontros. Esses encontros se diversificavam entre a frente das residências, quintais, cozinha que fica na área externa da casa, espaços físicos propícios ao diálogo, que, geralmente é onde costumam fazer as rodas de conversa entre amigos e familiares.

Com base em Pereira e Mendes (2012), sabemos que Mosqueiro é um distrito administrativo do município de Belém, e é um dos balneários paraenses mais visitados, principalmente no mês de julho, sendo uma ilha fluvial localizada na costa oriental do rio Pará, fazendo frente à Baía do Marajó. Apresenta-se com muitas praias de água doce e uma população acolhedora. A distância é de aproximadamente 79 km de distância do centro de Belém.

De acordo com Pereira e Mendes (2012), a Baía do Sol é a população mais antiga da Ilha do Mosqueiro, sendo o local que chegaram os primeiros colonizadores portugueses, oriundos de São Luís do Maranhão. Banhada pela baía que recebe o mesmo nome, localiza-se ao norte, em frente a Colares, a princípio chamada de Ilha do Sol, onde viviam os indígenas Tupinambás.

No que concerne ao processo histórico, era habitada há muito tempo pelos morobiras, extintos pescadores da mesma nação. Possui praias largas e grandes, favoráveis aos ventos e às fortes maresias, as quais eram utilizadas pelos índios, no retorno da pescaria, como local apropriado ao manejo de conservação do pescado, na preparação do moqueio, que servia para assar o peixe no moquém – grelha de madeira fresca – ao calor da brasa da fogueira (PEREIRA; MENDES, 2012).

Então, ainda com base em pereira e Mendes (2012), essa atividade indígena, também desenvolvida nas praias do sudoeste, banhadas pela baía de Santo Antônio, gerou a denominação de ilha do Moqueio – atualmente Mosqueiro –, substituindo o registro cartográfico de ilha de Santo Antônio, existente em 1666, no

mapa de João Teixeira Albernaz. E a praia Grande era o local onde era feito o moqueio, técnica dos indígenas de conservação da pesca.

**FIGURA 1 MAPA DA BAÍA DO SOL-MOSQUEIRO-PA.**



Fonte: [:<https://www.google.com/maps/place/BAIA+DO+SOL/@-1.2427584,-48.3816268,11z/data=!4m5!3m4!1s0x92a43c1351c75a3d:0x463a685ba589a14d!8m2!3d-1.0642668!4d-48.3334329?hl=pt-BR>](https://www.google.com/maps/place/BAIA+DO+SOL/@-1.2427584,-48.3816268,11z/data=!4m5!3m4!1s0x92a43c1351c75a3d:0x463a685ba589a14d!8m2!3d-1.0642668!4d-48.3334329?hl=pt-BR). Acesso em: 10 fev. 2020.

Na orla da Baía do Sol, podemos observar uma paisagem exuberante, repleta de beleza, por meio de uma visão do rio que faz fronteira com Colares e Santo Antônio do Tauá. Nesta poética do imaginário desta população estão diversas narrativas que contam e recontam sobre a história deste lugar.

**FIGURA 2 IMAGEM DA PRAIA DA BAIA DO SOL**



Fonte: Arquivo da pesquisa de campo (2019).



Muitas narrativas estão relacionadas a geografia do local, uma delas é que embaixo desta grande rocha mora uma cobra muito grande.

Esta imagem (Figura 2) é da Orla da baía do Sol, local de encontros, de crianças, adolescentes, adultos e idosos, também muito procurada por visitantes por conta de sua bela vista para o rio.

**FIGURA 3 IMAGEM DA ORLA DA BAIÁ DO SOL**



Fonte: Arquivo da pesquisa de campo (2019).

Local de muitas narrativas envolvidas no imaginário da população que tem um laço de pertencimento neste local. A orla é deslumbrante e proporciona a quem passa por lá, uma paz interior (PEREIRA; MENDES, 2012).

**FIGURA 4: IMAGEM DA ORLA DA BAIÁ DO SOL**



Fonte: Arquivo da pesquisa de campo (2019).

A localidade da Baía do Sol possui uma praia que era chamada de Anselmo – atual Bacuri –, nome dado devido um corpo de um escravo encontrado morto na localidade, oriundo de colares, que acabou morrendo afogado. Esta praia fica situada entre o Sítio Conceição e a outra praia que se chama Camboinha (PEREIRA; MENDES, 2012).

Outro local que fica próximo da Orla é a Escola Municipal Dr. Lauro Chaves, fica bem de frente para a praia.

**FIGURA 5 IMAGEM DA ESCOLA DR. LAURO CHAVES**



Fonte: Arquivo da pesquisa de campo (2019).

Outro local de muitas memórias e representatividade sobre a historicidade dos moradores da Baía do Sol, é a Colônia de Pescadores de Mosqueiro. Local em que os moradores-pescadores associados, resolvem as questões sociais dos habitantes. Portanto, percebemos outra identidade a qual faz referência ao saber do pescar.

**FIGURA 6 IMAGEM DA COLÔNIA DE PESCADORES DA BAÍA DO SOL.**



Fonte: Arquivo da pesquisa de campo (2019).

Vale ressaltar que Mosqueiro apresenta um histórico de contribuições de povos indígenas, portugueses e africanos, a partir da cultura cabocla do povo paraense; ganhou significado próprio e se ressignificou na cultura local, fortalecendo sua identidade, principalmente por meio das narrativas orais que passaram de geração em geração e em destaque a Baía do Sol- PA, que envolve alguns desses imaginários, da cultura e dos saberes amazônicos.

## 2.8 OS SABERES CULTURAIS E INTERCULTURAIS DOS MORADORES - NARRADORES DA BAÍA DO SOL-MOSQUEIRO-PA

Nessa subseção adentraremos nos saberes culturais dos moradores-narradores da Baía do Sol, Mosqueiro-PA, em vista da compreensão da realidade deste contexto social. Abordaremos sobre o conceito de cultura a partir do entendimento que existem múltiplos saberes, por meio de uma reflexão sobre a interculturalidade crítica.

Para compreender a cultura amazônica, é necessário “mergulhar” pela vida no cotidiano das comunidades existentes na Amazônia, que apresentam uma diversidade de saberes culturais emergentes de suas narrativas contadas.

Sobre o conceito de cultura: é necessário nos basearmos em uma concepção antropológica, com influência na semiótica. Para falar de cultura é primordial termos a compreensão desses pressupostos, visto que a cultura faz parte da existência do

homem, bem como conduz sua trajetória de vida, constituindo uma diversidade de saberes ao longo de sua existência.

Nós somos aquilo que nós fizemos e fazemos ser. Somos o que criamos para efemeramente nos perpetuarmos e transformarmos a cada instante. Tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e as recriamos como os objetos e os utensílios da vida social representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de: cultura. O que fazemos quando inventamos os mundos em que vivemos: a família, o parentesco, o poder do estado, a religião, a arte, a educação e a ciência, pode ser pensado e vivido em uma outra dimensão (BRANDÃO, 2002, p. 22).

De acordo com o autor, somos aquilo que fazemos ou fizemos, um exemplo são os elementos da natureza, e a forma como homens e mulheres se relacionam com ela, como criamos e recriamos. Sendo assim, dando outra utilidade para o utensílio construído. Nesse processo de construção na qual se constituem a diversidade de saberes a partir desses contextos em que são elaborados, passam a ganhar uma dimensão de utilidades e significados dos objetos e como constituem suas experiências na Baía do Sol.

Nessa perspectiva, podemos também dialogar sobre a cultura na Amazônia na qual nitidamente percebemos diversas realidades, vários procedimentos específicos regionais de cada contexto social por meio de especificidades que compõem uma totalidade. Nessa compreensão acerca da cultura Amazônica, compreendemos como espaços sociais tradicionais de cultura:

A cultura urbana se expressa na vida das cidades, principalmente naqueles de porte médio e nas capitais dos Estados da região. Nas cidades as trocas simbólicas com outras culturas são mais intensas, há velocidade nas mudanças. O sistema de ensino é mais estruturado, os equipamentos culturais são em muito maior número e há o dinamismo próprio das universidades (LOUREIRO, 1995, p. 55).

Ainda nesta discussão sobre a cultura Amazônica, dialogamos sobre a cultura como:

Ambiente rural, especificamente ribeirinho, a cultura mantém sua expressão mais tradicional, mais ligada à conservação dos valores decorrentes de sua história. A cultura está mergulhada num ambiente onde predomina a transmissão oralizada. Ela reflete de forma predominante a relação do homem com a natureza e se apresenta imensa numa atmosfera em que o imaginário privilegia o sentido estético dessa realidade cultural (LOUREIRO, 1995, p. 55).

A cultura da Baía do Sol esta relacionada a ribeirinha, uma das representativas da cultura Amazônica e dos saberes e costumes tradicionais, acumulados nas experiências dos moradores-narradores expostos por meio das narrativas de vida durante as rodas de conversas, como também tem representações com a cultura urbana.

Nessa perspectiva, apresentamos um diálogo acerca dos saberes culturais dos moradores-narradores da Baía do Sol, bem como saberes da floresta, das ervas medicinais, da pesca, dos rios, da religiosidade, dos sabores amazônicos e bebidas. Todos esses saberes culturais constituem a vida desses moradores-narradores e são relevantes para suas vidas.

Então, realizaremos uma incursão pelos saberes culturais que constituem a vida cotidiana dos moradores-narradores da Baía do Sol, visto que, esses saberes são repassados de geração em geração, por moradores nativos, mas alguns não sabem explicar como aprenderam, porém, justificam por meio de um dom adquirido de seus ancestrais. Portanto, os saberes que passam por suas práticas precisam de visibilidade, sendo necessário reconhecer e valorizar esses conhecimentos tradicionais.

Ao longo desse estudo, pudemos perceber a relevância dos saberes oriundos dos moradores-narradores, pessoas que construíram um acervo de experiências ao longo dos anos e são reconhecidos pela população, como responsáveis pelas memórias das narrativas e dos saberes culturais dos primeiros povos que habitaram a Baía do Sol.

Tantos saberes que emergem por meio da cultura local, com relação direta com os costumes de populações ribeirinhas, que resistem com a cultura da pesca, com o preparo de chás medicinais, com o preparo de alimentos regionais, dentre outros saberes que visibilizam a cultura dessa região e criam um imaginário na consciência de quem visita a Ilha e de quem reside por lá.

De acordo com a reflexão acerca das narrativas em vista do imaginário cultural da Amazônia, Loureiro (1995, p. 75), provoca essa imersão, visto que, “é possível identificar na cultura amazônica um imaginário poetizante e estetizador governando o sistema de funções culturais, tendo como suporte material a natureza”.

Fala-se do poético e, mais precisamente, de uma poética como estado coletivo re-inocentado. Fala-se de um conjunto de relações culturais com o mundo, reguladas pelo poético que emana do devaneio do imaginário em liberdade e cuja mediação é feita através das simbolizações estéticas configuradas na mitologia, na arte, na visualidade amazônicas (LOUREIRO, 1995, p 79).

Esse imaginário nos possibilita ampliar o conhecimento sobre a realidade e valorizar o contexto em que os moradores-narradores constroem sua vida, por meio da identidade cultural na qual especifica e ao mesmo tempo apresenta uma diversidade de narrativas, culturas e saberes que representam a realidade dos moradores da Baía do Sol.

Os diversos saberes culturais estão em uma compreensão intercultural crítica a partir dos saberes culturais, bem como envolvem diversos conhecimentos que emergem nas suas práticas sociais e constituem em processos identitários. Por isso, compreendemos sua realidade e experiência de vida como relevante para compreensão dos contextos sociais-históricos-culturais-ambientais. Em vista da compreensão acerca da interculturalidade, podemos pontuar que:

Uma educação descolonizadora e intercultural implica considerar que não existe mais um centro, dominador, superior e organizador, que se identifica com uma única cultura que se coloca como melhor e referência das outras culturas, considerando-se portadora a medida do pensamento e da cultura universal. Ao contrário, implica o reconhecimento de que todas as culturas são incompletas e que vivemos num contexto de diversidade e pluralismo cultural que nos exige um olhar crítico da realidade e da ordem dominante (SACAVINO, 2016, p. 191).

Nessa compreensão de uma cultura descolonizadora e intercultural, percebemos que há uma diversidade de culturas que compõem a cultura da Amazônia. Sendo assim, proporcionamos aos moradores-narradores exporem seus saberes culturais, ganhando visibilidade a partir das experiências singulares. Por isso, com base neste estudo temos a intenção de desconstruir uma suposta cultura universal. Mas ainda nesta discussão, é importante compreendermos que é necessário:

Reconhecer a multiplicidade de contextos (subjetivos, interpessoais, sociais, culturais, econômicos, políticos e ecológicos) desenvolvidos pela interação de diferentes sujeitos nas relações e nos processos educacionais, implica em percebê-los e orientá-los segundo a lógica (ou paradigma epistemológico) capaz de compreender a relação da unidade do conjunto com a diversidade de elementos que os constituem (FLEURI, 2017, p. 107-108).

Nesse sentido, sobre a perspectiva intercultural, percebemos esta diversidade de realidades que se apresentam pelas mais diversas questões sociais nas quais constituem por meio de diferentes moradores-narradores que constroem outra lógica de viver e se destacam por sua originalidade que é da pluralidade, mas que precisam dialogar com as demais culturas e saberes culturais.

Nessa perspectiva acerca das múltiplas práticas culturais por meio dos diferentes moradores-narradores da Baía do Sol, percebemos que:

Cada sujeito constrói sua sua identidade a partir de histórias e de contextos culturais diferentes. A relação entre diferentes sujeitos constitui um novo contexto intercultural. Neste novo contexto, articulam-se não só os indivíduos, mas também os seus respectivos contextos culturais (FLEURI, 2018, p. 47).

A Baía do Sol é um bairro de Mosqueiro que compreende uma população rica em conhecimentos milenares, que emergem por meio das suas narrativas e práticas do cotidiano, bem como cuidar do outro, por meio de uma lógica de solidariedade e espiritualidade, pois, temos a oportunidade de termos parteiras, curandeiras, bezendeiras mulheres e homens que curam por meio dos conhecimentos tradicionais das ervas medicinais.

São **saberes da floresta** que envolvem as ervas medicinais. Abaixo, poderemos conhecer a Dona Pedra, senhora que possui um conhecimento acerca dos saberes culturais das ervas medicinais, como o preparo de remédios caseiros para qualquer tipo de doença; problemas no casamento, financeiro e o que precisar é só procurá-la. Além do saber das ervas medicinais, também é parteira, ao longo de sua trajetória de vida, “já coloquei muita criança neste mundo” (MORADORA-NARRADORA DONA PEDRA, entrevista realizada em 09/11/2019).

Desse modo, quando alguém precisa, sempre vão lhe procurar para fazer uma reza na criança que esta com febre ou muito quieta, conhecida como quebranto, termo popular usado por moradores da amazônia.

Além de tantos saberes, Dona Pedra também é uma narradora nata da comunidade, sempre nos presenteia com uma narrativa amazônica acerca de suas vivências e experiências com a Matinta Pereira, narrativa preferida das crianças e de todos que a procuram.

Dona Pedra nasceu e creceu na Baía do Sol, onde mora até hoje e pretende continuar morando. Sua vida se construiu ao longo de seus tantos anos de vida carregados de saberes, um deles é de preparar remédios caseiros. Ela sempre se

prontificou para ajudar quem a procurava: dona de um enorme carisma e muito atenciosa com todos que lhe procuram.

**FIGURA 7 MORADORA-NARRADORA, DONA PEDRA**



Fonte: arquivo de pesquisa de campo 2019.

**Saberes das águas:** são tantos saberes que envolvem o contexto social dos moradores-narradores, temos os saberes que envolve os rios, que eles conhecem como ninguém, sabem sobre os mistérios das águas amazônicas. Iremos falar sobre a prática da pesca, pilotar barcos, sobre os horários para navegar, locais apropriados para pescar, tomar banho de rio, entre outros.

A técnica de pilotar o barco, precisa de conhecimento para conduzir pelo melhor caminho, principalmente, quando vão para o rio pescar: é necessário conhecer os melhores percursos, o horário mais adequado para realizar a pescaria.

Outro saber dos pescadores e pescadoras é o trabalho manual de tecer a rede de pesca, pois cada pescador precisa tecer sua própria rede, uma técnica de extrema relevância e necessidade para trazer o alimento para a família e para o comércio.

Outro importante saber que eles também falam com propriedade é em relação à praia; qual a mais apropriada para o banho, para não oferecer risco de se machucar em pedras o ataque de arraias. Portanto, o conhecer o rio é fundamental para lógica de vida dos moradores-narradores da Baía do Sol, pois passam para futuras gerações.



**Saberes sobre os sabores e bebidas amazônicas:** os preparos de alimentos também estão relacionados aos aspectos culturais herdados dos indígenas, africanos e portugueses; o trabalho de cozimento dos chás e preparação de licor; bater o caroço do açaí, atividade prazeroso dos moradores-narradores, para tomar um bom açaí retirado das ilhas próximas a Baía do Sol.

A colheita do açaí é geralmente retirada de uma ilha próximo, perto do Município de Santo Antônio do Tauá. Este é considerado pela população o melhor para bater e retirar este suco maravilhoso, considerado uma bebida dos deuses, que é apreciado como alimento durante as refeições do almoço e do jantar, para completar a alimentação, seja nas regiões do campo, ribeirinhas ou urbana.

Outro saber é sobre o preparo da maniva, feita da folha da macaxeira, pois os moradores-narradores afirmam que a maniçoba preparada com a folha da macaxeira fica deliciosa, o sabor é mais suave, sendo melhor para o preparo, os ingredientes dão o sabor especial para este prato tão apreciado pelos paraenses.

Os saberes em vista das narrativas amazônicas: os fatos narrados expressam a relação dos moradores-narradores com as narrativas amazônicas que relacionam com sua vida no cotidiano, tendo relação com a mata, os rios, a cultura, os territórios e os saberes que emergem diante das narrativas. Sendo assim:

As narrativas místicas estão relacionadas ao contexto social, geográfico e cultural da região amazônica caracterizado pela grande extensão territorial, por uma densa mata e rica em variedades de espécies de flora e fauna, pelos volumosos e piscosos rios que constituem os caminhos naturais da Amazônia e por uma diversidade cultural, característica das populações locais ribeirinhas, quilombolas, indígenas, assentados entre outros (IVANILDE, MOTA NETO E SOUZA, 2017, p. 42).

É importante compreender a cultura amazônica como plural em vista da diversidade de saberes culturais dos moradores-narradores, bem como de povos que constituem por meio de suas vivências e narrativas amazônicas. Portanto, é importante considerar as realidades e sujeitos como singulares e ao mesmo tempo plurais.

### 3 ANÁLISE DIALÓGICA DAS NARRATIVAS DE VIDA

Esta seção foi desenvolvida no *lócus* da pesquisa, na Baía do Sol, em Mosqueiro, em diálogo com os moradores-narradores e todo o universo arborizado, místico, dinâmico e holístico, bem convidativo, diante de uma paisagem inspiradora: a praia na orla da localidade e mediatizados pelas narrativas de vida.

Para esta seção traremos a transcrição de alguns diálogos das rodas de conversas, com suas respectivas análises, tendo em vista os procedimentos a análise dialógica das narrativas, considerando todas as suas etapas, desde a sua abordagem, os procedimentos metodológicos, os encontros dialógicos e as técnicas usadas no decorrer deste estudo.

Apresentaremos a trajetória proposta como processo das análises das narrativas de vida, pontuando alguns avanços epistemológicos, bem como os instrumentos de análise de dados, por meio das rodas de conversa, pautadas na análise dialógica pós-retranscrição dos encontros, com base em seus posicionamentos éticos e destacando os saberes que emergem por meio de suas experiências vividas.

Durante as rodas de conversa foi necessário observar como eles narravam, tendo sensibilidade ao ouvir, bem como um olhar humanizado diante dessas pessoas que expressam suas experiências vividas. Como pesquisador-narrador, durante este processo de diálogo, por vezes foi necessário ir além de ouvir os fatos narrados, por isso, a importância de se ter uma escuta sensível.

Mas, o diálogo proporciona momentos de interação, e nesses encontros dialógicos, tivemos a oportunidade de expor nossas experiências vividas, historicidade da Baía do Sol a partir dos moradores-narradores, contos amazônicos e íamos de encontro ao outro em uma relação de amorosidade e humanização. Pois, “o diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu” (FREIRE, 2014, p. 109).

O objetivo desta seção é apresentar as análises e resultados sistematizados de algumas rodas de conversas, referente as narrativas de vida dos moradores-narradores, bem como realizando a retranscrição de seus relatos, dialogando com os autores Bakhtin (2017) e Freire (2014) em vista do posicionamento crítico e a tipologia ética. Isso nos proporcionará uma sistematização dos posicionamentos dos

moradores, partindo da compreensão da visão de mundo, relacionando com seus saberes em vista do contexto amazônico.

**FIGURA 8 A ESCRITA DESTA SEÇÃO**



Fonte: Arquivo da pesquisa de campo (2020).

### 3. 1 A PRIMEIRA RODA DE CONVERSA

O deslocamento do pesquisador-narrador inicia bem cedo, às 6h, saindo de Belém, Capital do Estado do Pará. O trajeto é feito de ônibus, que contabiliza um total de 26km. A viagem tem duração de 2h30min, mas bastante gratificante e exuberante ver as paisagens, a população que mora próximo da estrada, a vista do rio, a partir da ponte, Sebastião R. de Oliveira – que liga Belém a Mosqueiro –, que nos presenteia com sua beleza amazônica da poética das águas.

Em seguida, nos deslocamos até a localidade da Baía do Sol, em outra condução urbana. Após descer do ônibus, tem a caminhada até as residências dos moradores-narradores que participam das rodas de conversa, considerada como primeiro contato. Neste primeiro diálogo já ocorria o convite para a roda de conversa. No convite já esclarecia acerca do horário e local.

Nas visitas aos moradores, explicamos acerca do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), instrumento que permite a autorização de uso para pesquisa dos depoimentos dos moradores, conforme submissão ao Comitê de Ética na Pesquisa (CEP) com seres humanos. O projeto foi submetido e aprovado

(Processo CAAE nº 19401719.2.0000.5174). Nestes encontros já se estabeleciam laços afetivos e de confiança entre os moradores e o pesquisador.

As visitas aos moradores eram enriquecidas de encontros, que envolvia a família convidada e acolhia os vizinhos. Os diálogos se intensificam entre histórias de vida narradas e ao sabor de um delicioso café. Participar do cotidiano dos moradores-narradores é compreender o mínimo de sua realidade, isso é decisivo para realização das rodas de conversa e posterior escrita deste trabalho.

Primeiramente elaboramos um possível cronograma com o planejamento dos encontros, bem como os procedimentos das rodas de conversas, pois, os momentos e espaços eram distintos, seguindo uma possível sequência elaborada com intuito de promover um diálogo acerca das narrativas na qual os moradores-narradores contribuíram para ampliar o planejamento.

Depois de convidados e construído o planejamento, ficou definido que as rodas de conversa aconteceriam uma vez por semana, de sete em sete dias, preferencialmente, aos sábados, totalizando sete (07) encontros. O local onde aconteceram as rodas de conversa foram escolhidos em diálogo com os moradores, geralmente os encontros eram realizados no quintal, cozinha e frente das residências dos moradores.

Para cada roda de conversa, criamos um ambiente composto de objetos que fazem parte do contexto social dos moradores, relacionados à prática de pescar, nadar, plantar e artesanato para sintonizar as narrativas que seriam contadas e discutidas, para proporcionar uma interligação aos fenômenos e ao ato de narrar.

Nesses primeiros encontros nas casas dos moradores fomos identificando quais objetos, figuras, instrumentos iriam compor o cenário das rodas de conversas.

O círculo de Cultura proposto por Freire (2014) foi primordial durante este processo de vivência e diálogo no qual todos contribuíam por meio de suas experiências de vida, visando a proposta das rodas de conversa. Sendo assim, por meio de uma diversidade de saberes e vivências o diálogo era enriquecido por meio das narrativas dos moradores-narradores.

Foi muito relevante e envolvente a participação dos moradores-narradores no planejamento dos encontros, bem como se entrelaçava por meio de tantas narrativas, uma diversidade de saberes, conhecimentos, casos, mistérios, experiências de vida, que foram ganhando espaço no decorrer dos encontros.

Portanto, é fundamental ouvir e aprender com essas pessoas, idosos que são guardiões da memória deste lugar.

Para os moradores-narradores, idosos da Baía do Sol, o ato de narrar-falar é uma necessidade constante, pois aguça sua autoestima, e no caso das mulheres, pode ocorrer o empoderamento feminino. Porque para elas pode representar ser úteis, o respeito que merecem, sendo que, por meio das narrativas de vida, conseguem expressar recortes de sua historicidade e do local.

O objetivo da nossa roda de conversa era propor um espaço de diálogo entre os moradores-narradores e pesquisador, mas, principalmente, para que os moradores-narradores pudessem expressar de forma livre, sem hierarquias, suas narrativas de vida. Pois, para Bakhtin (2016, p. 118), “todo enunciado é dialógico, ou seja, é endereçado a outros, participa do processo de um intercâmbio de ideias: é social”.

Na primeira roda, aconteceu uma mística de abertura, com vistas a proporcionar um momento de interação e visualização de figuras que estimularam a memória desses narradores, bem como fotos da ilha que se relacionavam com o cotidiano. Este encontro aconteceu no quintal da casa de uma das narradoras, Dona Graça, em um espaço aberto, ao redor de uma área arborizada, acolhedor e muito propício ao diálogo.

**FIGURA 9 PRIMEIRA RODA DE CONVERSA, DIA 10 DE OUTUBRO 2019.**



Fonte: Arquivo da pesquisa de campo (2019).

Nesse primeiro encontro, compareceram seis narradores. Iniciamos ainda com timidez, mas, no andamento da conversa, o grupo começou a dialogar com mais autonomia e segurança. Pois, este primeiro encontro era para descontrair e iniciarmos nossas rodas de conversas.

No momento de conversas, boas risadas ocorreram e a memória de narrativas de vida e de histórias amazônicas da Ilha de Mosqueiro e fatos que aconteceram. Portanto, o diálogo é fundamental para trazer à tona esses saberes e a historicidade a partir do ponto de vista dessas pessoas envolvidas.

As narrativas eram bastante variadas e envolventes e despertaram interesse até das crianças: eram os netos e netas dos moradores, que dominavam em questão de minutos este encontro dialógico. No que se refere às narrativas, os contos sobre a Matinta Pereira foram ganhando destaque neste primeiro encontro, assim como também as aparições do Boto, bem como experiências que, ao serem lembradas, trouxeram acontecimentos que se relacionam ao seu cotidiano e aos seus posicionamentos diante de situações familiares, com vizinhos, a respeito do cultivo da terra e de outros temas.

**FIGURA 10 PRIMEIRO ENCONTRO DE DIÁLOGO, DIA 10 DE OUTUBRO 2019.**



Fonte: Arquivo da pesquisa de campo (2019).

Nessa roda de conversa, que ocorreu em uma tarde agradável e dialógica, desenvolvemos uma diversidade de saberes culturais, partilha de experiências

vividas, narrativas de vida, as quais nos permitiu um lanche coletivo, em que cada morador-narrador contribuía, com café, chá, bolachas, bolo, pães e biscoitos para encerrar a tarde de diálogo. O relato desta primeira rota faremos na seção cinco de análise.

### 3. 2 A SEGUNDA RODA DE CONVERSA

A segunda roda de conversa, iniciamos com uma acolhida, o ambiente decorado com alguns objetos do cotidiano, frutas e música regionais, tendo como objetivo ouvir as narrativas de vida e proporcionar um espaço de conversa e diálogo. Os participantes da roda de conversa escolheram uma narrativa que mais gostaram, para iniciar uma discussão, a partir de algumas perguntas sobre o comportamento do personagem da narrativa, que aconteceria em outra roda de conversa.

A partir das gravações da segunda roda de conversa, logo após foram retranscritas e posteriormente selecionadas pelo pesquisador-narrador as narrativas de vida, nas quais os moradores-narradores estavam mais confiantes e propícios ao diálogo, durante este processo de narração, em vista das narrativas amazônicas, ponto positivo e relevante neste encontro educativo de saberes culturais e experiências de vida e aprendizado.

**FIGURA 11 SEGUNDA RODA DE CONVERSA, DIA 16 DE OUTUBRO DE 2019.**



Fonte: Arquivo da pesquisa de campo (2019).

Esse encontro iniciou com uma visita à casa da moradora-narradora Leontina, visando participar da rotina e perceber sua prática cotidiana. Portanto, percebemos a moradora, dando os primeiros passos em sua horta, no início do trabalho de plantar (Figura 10), e a atividade diária de bater e vender açaí (figura 11). Com esses trabalhos a moradora garante o sustento da família.

Assim, mantivemos uma relação próxima com os moradores-narradores. Essa relação foi considerada como relevante para a construção de laços de confiança e propício ao diálogo. Além disso, proporciona uma relação humanizadora e significativa para o processo da pesquisa, que possui o diálogo como ponte referencial deste conhecimento científico-narrativo.

**FIGURA 12 COTIDIANO DA MORADORA NO CULTIVO DA HORTA, DIA 16 DE OUTUBRO DE 2019.**



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo (2019).

Outro momento significativo para a moradora-narradora é sua prática cotidiana de bater o açaí, por meio do qual tira a renda para o sustento da família e serve para alimentar todos os netos, filhos e vizinhos que visitam a sua casa.



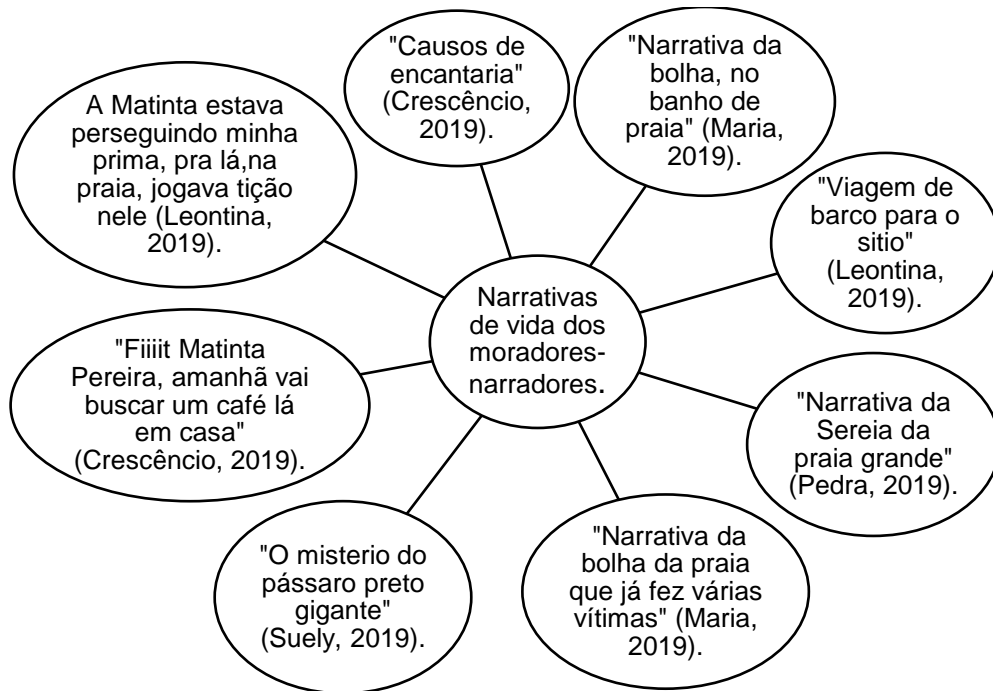
**FIGURA 13 COTIDIANO DA MORADORA, BATENDO AÇAÍ, DIA 16 DE OUTUBRO DE 2019.**



Fonte: Arquivo de pesquisa de campo (2019).

A roda de conversa foi significativa para os moradores. Sugerimos aos integrantes do grupo formado que continuassem a contar sobre as histórias que envolviam as narrativas amazônicas da Baía do Sol-Mosqueiro no que tange as experiências dos moradores-narradores com a Matinta Pereira e a outras entidades. Pois, as narrativas focadas nesses casos contagiaram e todos respeitaram o momento que eram socializadas; em alguns momentos surgiu certa tensão, mas logo voltaram os sorrisos.

As narrativas levantadas foram as que emergiram durante a roda de conversa, bem como relatos que construíram este momento de dialogicidade entre os moradores-narradores e pesquisador-narrador. Portanto, a partir deste diálogo, analisei as falas significativas para o esquema abaixo, o qual responde ao meu primeiro objetivo deste estudo.

**FIGURA 14 NARRATIVAS DE VIDA**

Fonte: elaboração própria (2021)

Durante esse momento de diálogo com o grupo ficou decidido entre os moradores-narradores participantes da roda de conversa, que a narrativa da Matinta Pereira seria performada no próximo encontro.

### 3. 3 A TERCEIRA RODA DE CONVERSA

Na terceira roda de conversa, foi promovida a contação de história por uma educadora, Karina, que atuou como voluntária na contação da narrativa da Matinta Pereira, escolhida pelos moradores-narradores, e a participação deles na performance apresentada durante a roda de conversa.

**FIGURA 15 TERCEIRA RODA DE CONVERSA, DIA 22 DE OUTUBRO DE 2019.**



Fonte: Arquivo da pesquisa de campo (2019).

### 3. 4 A QUARTA RODA DE CONVERSA

A quarta roda iniciou na cozinha de uma das moradoras-narradoras, com um bom bate-papo acerca da opinião deles sobre a narrativa contada pela educadora Karina e com algumas questões motivadoras. Para Freire (2014, p. 98), “quanto mais se problematiza os educandos, como seres no mundo e com o mundo, tanto mais se sentirão desafiados”.

Logo em seguida, iniciamos o diálogo sob a opinião dos moradores-narradores acerca do fato contado, da roda de conversa anterior, sobre a narrativa da Matinta, momento de discussão e reflexão dos posicionamentos dos personagens e qual sua relação a vida cotidiana.

Nesse momento, por intermédio do pesquisador-narrador em diálogo com os moradores-narradores, problematizamos os assuntos socializados nas rodas. Em vista do posicionamento dos moradores. De acordo com Freire (2014), toda prática problematizadora promove um diálogo criticamente acerca como se vê no mundo, com quem e em que estão inseridos.

Nessa compreensão “é provável que, com a problematização da sugestão ao grupo, novos temas surjam. Assim, na medida em que todos vão se manifestando o

educador vai problematizando, uma a uma, as sugestões que nascem do grupo” (FREIRE, 2014, p. 166).

**FIGURA 16 QUARTA RODA DE CONVERSA, DIA 28 DE OUTUBRO DE 2019.**



Fonte: Arquivo da pesquisa de campo (2019).

Aqui é possível enumerar algumas questões problematizadoras que conduziram essa roda de conversa e outros encontros dialógicos:

- 1) O que vocês acharam do comportamento dos personagens?
- 2) Como essa história se relaciona com sua vida?
- 3) Quais atitudes desses personagens têm relação com seus afazeres de casa ou do trabalho?
- 4) Alguém já sofreu alguma ação desse personagem da história? Como foi? Por quê?
- 5) Sobre as atitudes dos personagens da história, como você avalia? Você faria o mesmo? Condenaria? Por quê?

As questões problematizadoras são para estimular o diálogo, mas sem perder a essência da autonomia e conversação como matriz deste trabalho entre os moradores-narradores neste processo dialógico, bem como seus posicionamentos éticos, no que tange os relatos de vida, os quais proporcionaram fazer esta

contextualização a partir da problematização das falas significativas acerca das possibilidades de pesquisa na perspectiva dialógica como metodologia científica.

### 3.5 A QUINTA RODA DE CONVERSA

A quinta roda seguiu com mais um diálogo sobre as narrativas que envolvem a Matinta Pereira. Elas foram relevantes para a construção coletiva da roda de conversa acadêmica e epistemológica-sócio-cultural-histórica-educativa. Também na roda foram apresentadas algumas questões problematizadoras que fazem parte da pesquisa, com metas de alcançar os objetivos estipulados:

- 1) A Matinta Pereira bate na pessoa que promete e não cumpre. Você faria também assim? Por quê?
- 2) Vocês teriam as mesmas atitudes que a Matinta Pereira? Por quê?
- 3) Se sua filha ou filho, ou parente fosse Matinta Pereira, aceitaria as atitudes que ela faz? Por quê?

As questões abordadas foram direcionadas para todos os moradores-narradores que integravam a roda de conversa, proporcionando momento de diálogo, na promoção de uma conversa agradável sem perguntas diretas com respostas prontas, mas uma dialogicidade reflexiva que direcionasse o momento, em prol de compreender o posicionamento dos moradores-narradores por meio das narrativas, que apresentam a sua visão de mundo, mediatizadas por suas relações sociais (FREIRE, 2014).

Nessa perspectiva, mais um encontro de diálogo relevante para a construção deste trabalho científico, tendo como foco as narrativas de vida destes narradores, que expressam na forma do diálogo suas memórias e ressignificam a partir da motivação das perguntas motivadoras suas reflexões, contribuindo para o processo de construção do conhecimento científico-narrativo, porém, com sua base nos relatos dos moradores-narradores da Baía do Sol-Mosqueiro.

Apresentamos mais um encontro promovido pelos moradores-narradores e o pesquisador-narrador, por meio da dialogicidade na efetivação do conhecimento empírico que possui seu significado na vida dos moradores.

**FIGURA 17 QUINTA RODA DE CONVERSA, DIA 1º DE NOVEMBRO DE 2019.**



Fonte: Arquivo da pesquisa de campo (2020).

Os encontros começaram a fazer parte da rotina da comunidade, e as famílias se reuniam para ouvir e contar suas histórias, junto com vizinhos e amigos; era a valorização dos relatos de vida e a reconstituição do antigo costume da família: reunir-se durante o entardecer para ouvir e narrar causos e histórias de família para seus netos, filhos e vizinhança.

É um costume que com o passar dos anos passou a ser menos frequente, devido à rotina intensa que cada vez mais a sociedade nos impõe e nós acreditamos e nos permitimos a acreditar que seja relevante. Por isso, é importante o diálogo entre os vizinhos, mais humanização com seu próximo e diálogo com a família, que permite uma relação de amorosidade.

Portanto, as moradoras e moradores-narradores da Baía do Sol se permitem sempre ter encontros em família, que geralmente acontecem no quintal, na frente ou mesmo dentro de suas casas. Narrar não é uma simples ação de expor seus conhecimentos, mas um ato de resistência por meio das narrativas de vida que envolvem diversos assuntos, desde as narrativas amazônicas até histórias de vida, com alguns dos causos sobre a Matinta.

Com relação sobre as narrativas de vida, como ato de resistência foi fundamental para compreensão deste estudo acerca da rememoração da historicidade dos moradores-narradores e a cultura, como elementos primordiais ao longo das rodas de conversa. Sendo assim, percebemos a necessidade dos

moradores e moradoras expressarem suas narrativas de vida, que possuem relação com os mitos amazônicos da Matinta Pereira entre outros, como narrativas do boto e narrativas de vida.

### 3. 6 A SEXTA RODA DE CONVERSA

No sexto encontro narrativo, começamos com uma mística que envolvia uma música com objetivo de estimular a interação do grupo de moradores-narradores e oficializar o início da nossa mais nova conversa, criando um espaço acolhedor e convidativo. O encontro foi realizado na frente da casa da moradora-narradora Leontina.

**FIGURA 18 SEXTA RODA DE CONVERSA, DIA 09 DE NOVEMBRO DE 2019.**



Fonte: Arquivo da pesquisa de campo (2019).

Esse encontro aconteceu de forma dialógica, sempre formando uma circularidade, bem característico dos moradores, com objetivo de que as narrativas fossem lembradas e proferidas, envolvendo a historicidade da Baía do Sol e alguns contos amazônicos. Momento em que os enunciadores foram instigados por algumas perguntas motivadoras, referentes à questões éticas e aos seus posicionamentos.

O diálogo é epistemológico, pois tem por base a historicidade acerca da Ilha de Mosqueiro, em vista da memória oral dos moradores, que rememoraram relatos significativos, as narrativas de suas vidas. É importante ressaltar o valor do registro dos relatos para a construção de um outro conhecimento possível, a partir dos dados empíricos de pessoas que diante da sociedade se encontram em sua maioria em processo de exclusão social.

No que se refere aos moradores-narradores da pesquisa, temos mulheres idosas, homens idosos, mães, pais e pescadores, que, durante sua trajetória de vida, sofreram e sofrem diversas formas de opressão e discriminações. Durante nossas rodas de conversa houve circularidades dos saberes que foram postas em prática e, por meio deste dialogismo, diversas formas de expressão e de diálogo sem hierarquias ocorreram, rompendo com as lógicas de opressão de conhecimento.

Sempre iniciávamos rememorando algumas das perguntas motivadoras, para animar a roda de conversa, retornando ao encontro anterior, assim, além das narrativas contadas, outras emergiam, novas narrativas de vida eram lembradas e relatadas, que são momentos marcantes e significativos dos moradores. Porém, os relatos sobre a Matinta Pereira tomaram conta desse encontro narrativo.

### 3. 7 A SETIMA RODA DE CONVERSA

A sétima roda de conversa, como sugestão dos moradores, aconteceu novamente no quintal de Dona Leontina, uma das contadoras de histórias. Este encontro proporcionou que pudessem se expressar por diversas formas, pela fala, por desenhos e escrita. O objetivo é que tivesse relação com algumas das narrativas contadas no decorrer de todos os encontros.

Nesse encontro, mediado por mais uma roda de conversa, foram lembradas algumas narrativas de vida, que foram significativas para o processo desta pesquisa, bem como relevância social e científica, pois os relatos possuem uma forte relação com a vida e interferem no cotidiano, sendo que não há entre dicotomia das narrativas amazônicas e a vida dos moradores-narradores.

Dentre as narrativas de vida ao longo das rodas de conversa, a história da Matinta sempre ganha destaque, sendo protagonista dos diálogos dos encontros. Vejamos a participação de algumas moradoras-narradoras, no processo de



construção dos desenhos, forma de expressarem suas narrativas acerca dos contos amazônicos.

### 3. 8 SISTEMATIZAÇÃO DAS RODAS DE CONVERSAS

Nas rodas de conversas com os moradores foram abordadas as narrativas amazônicas no sentido de profunda relação com a vida de cada morador. Os relatos foram sistematizados no quadro 2, com um panorama das principais falas que ocorreram durante os encontros.

#### QUADRO 2 PRINCIPAIS NARRATIVAS AMAZÔNICAS RELATADAS NAS RODAS DE CONVERSAS E OS SABERES ENVOLVIDOS:

Nº da roda de conversa	narradores	Narrativa	Saberes culturais envolvidos nas narrativas
1º roda de conversa	Jorge	“...saímos daqui por baixo de chuva, para pegar isca no porto da Vigia, de lá atravessar a costa do Marajó, depois atravessamos o oceano por baixo de chuva..., depois de tudo isso e vendemos os peixes...”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saberes das águas, da pesca, do rio e manejar o barco;</li> <li>- Tipo de narrativa: de vida/memória.</li> <li>- Práticas envolvidas: ideia de território e trabalho;</li> </ul>
1º roda de conversa	Crescêncio	“...me lembro do meu irmão, Daniel, já falecido, e meus primos foram apanhar açaí e ficaram presos na várzea, até encontrarem o caminho, diziam os antigos, que era uma brincadeira do Curupira de quem invadia o território dela.”	<p>Saberes: da floresta e da terra (plantar, colher).</p> <p>Tipo de Narrativa: místico amazônico, memória/de vida.</p> <p>Práticas envolvidas: ideia de território, trabalho e família.</p>
2º roda de conversa	Leontina	“...Matinta estava perseguindo minha prima, pra lá, na praia. Jogava tição nela...”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saberes das águas.</li> <li>• Tipo de Narrativa: místico amazônico e de vida.</li> </ul>
3º roda de conversa	Leonor	“...era meio-dia e meia, nós vínhamos da roça com meus irmãos, tinha um rio chamado de São João, sabe que todo rio tem olho d’água, tem mãe e tinha um casal de peixe colorido, um dos meus irmãos jogou uma pedra e pegou no peixe, e logo ficou com dor de cabeça, levaram para casa do senhor curandeiro, para fazer um banho.”	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saberes: da terra (plantar, das ervas), das águas;</li> <li>• Tipo de Narrativa: amazônica e de vida</li> <li>Práticas envolvidas: ideia de religiosidade.</li> </ul>
4º roda de conversa	Jorge	“...chegando próximo de uma ponte do igarapé Água preta, tinha dois homens sentados no corrimão da ponte, e aí eu	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saberes: das águas</li> <li>• Tipo de Narrativa: mística amazônica e memória.</li> </ul>

		cheguei mais próximo e gritei: eiii rapaz, o que vocês estão fazendo aí? Aí simplesmente se jogaram dentro d'água e boiaram como boto, boto quando boia, sai do fundo para margem do rio..."	Práticas envolvidas: lazer amazônico
5° roda de conversa	Pedra	"Uma noite aí a Matinta Pereira, finte Matinta Pereira [grito dela], aí eu disse: 'olha, tu tá com fome, cheguei da pesca agora, amanhã pega teu peixe e vem tomar café aqui'; seis horas da manhã, ela chegou lá, ela disse: 'me ajuda, que eu quero meu peixe e meu café'..."	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saberes das águas (da pesca, manejar a canoa).;</li> <li>• Tipo de Narrativa: Mística amazônica.</li> </ul> <p>Práticas envolvidas: cozinhar, bem como o preparo do peixe e do café</p>
6° roda de conversa	Pedra	"la ter uma festa na casa da minha tia, apareceu um rapaz bonito; aí perguntaram de onde esse rapaz veio; eu disse assim: 'veio de Belém'; aí ele chegou perto de mim e disse se eu queria dançar com ele até quatro horas da madrugada, eu disse quero, quero então. E quando acabou a festa. Ele perguntou: -Tu que ir comigo? Tá na hora da minha viagem. Eu disse: - Não, dançar contigo eu dancei, mas contigo eu não vou. Quando olhei para praia, escute o barulho, tibi, se jogou aí todo mundo disseram, que eu estava dançando com o boto..."	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saberes: das águas.</li> </ul> <p>. Tipo de narrativa: mística amazônico;</p> <p>Práticas envolvidas: ideia de território, lazer, família;</p>
7° roda de conversa	Leonor	"O papai mandava fazer uma coisa, a preguiça chegava, então, o papai disse: - Os três para proa da canoa, vão pescar comigo. Quando vinham as ondas, eles gritavam e choravam, então papai perguntou: - Essa é a vida que vocês querem, a vida que eu levo. Então, Crescêncio resolveu estudar, se formou em Direito, depois voltou e foi professor, depois diretor da escola Lauro Chaves. Jorge foi para Macapá e passou 20 anos, não sabíamos que estava vivo ou morto e quando voltou foi com a esposa e o filho."	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saberes: das águas (pesca) e escolares.</li> </ul> <p>Tipo de narrativa: de vida/memória.</p> <p>Práticas envolvidas: ideia de educação, família, migração.</p>

Fonte: Elaboração própria (2020).

O quadro acima reuniu várias narrativas dos moradores-narradores ao longo das sete rodas de conversas, foram as narrativas mais significativas, tendo em vista, relação com os objetivos deste estudo. O quadro, assim, sistematiza as narrativas, destacando os saberes envolvidos, tipos de narrativas e práticas envolvidas. Portanto, a partir dessas informações, elencamos as categorias que categorizam essas narrativas a fim de posterior identificar os posicionamentos éticos nas falas dos moradores-narradores.

### **3.8.1 Saberes culturais envolvidos nas narrativas dos moradores da Baía do Sol – Mosqueiro – PA**

#### **3.8.1.1 Saberes das águas**

Os saberes envolvidos nas narrativas de vida dos moradores-narradores são referentes das águas, bem como da pesca, saber nadar, manejar canoa, saber sobre os igarapés, conhecimento dos percursos dos rios etc...

Os saberes das águas são significativos na vida dos moradores-narradores da Baía do Sol, pois envolve sobre a vida, práticas do cotidiano que possuem referência com sua cultura local, identidade ribeirinha e prática da pesca.

As narrativas do moradores-narradores possuem relação com seus saberes das águas, bem como percebemos esses saberes por meio das falas, “sabe que todo rio tem olho d’água” (NARRATIVA DO MORADOR JORGE, 10/10/2019).

#### **3.8.1.2 Saberes da floresta**

Dentre os saberes da floresta, identificamos as narrativas míticas que envolvem relatos do curupira, Matinta Pereira e sobre os remédios amazônicos feitos com ervas da floresta. Sendo assim, são narrativas que dialogam com a trajetória de vida e os contos míticos amazônicos. Portanto, são relevantes para a construção deste estudo em vista do posicionamento ético e saberes culturais dos moradores-narradores da Baía do Sol – Mosqueiro.

Ao falar dos saberes da Floresta, relacionaremos a narrativa do Curupira, que se entrelaçam no discurso de suas narrativas de vida, tendo relação com a floresta. Então, “...ficaram presos na várzea, até encontrarem o caminho, diziam os antigos,

que era uma brincadeira do Curupira de quem invadia o território dela” (NARRATIVA DO MORADOR CRESCÊNCIO, 10/10/2019).

A Matinta possui uma relação significativa com a Floresta, principalmente, nas narrativas dos moradores-narradores, tendo relação com a suas atividades do cotidiano, aqui um relato de uma moradora, “...Matinta estava perseguindo minha prima, pra lá, na praia. Jogava tição nela...” (NARRATIVA DA MORADORA LEONTINA, 16/10/2019).

As narrativas sobre remédios, que possuem relação com os chás, banho entre outros que curam, também foram destacados durante as rodas de conversas. No que tange aos saberes da Floresta em relação aos remédios podemos identificar no relato sobre um banho que um curandeiro preparou, visto que, “...levaram para casa do senhor curandeiro, para fazer um banho” (NARRATIVA DA MORADORA LEONOR, 22/10/2019).

Desse modo, percebemos a diversidade de saberes envolvidos nas narrativas de vida dos moradores-narradores, que emergem a partir do diálogo em rodas de conversas, partindo do pressuposto dialógico sem hierarquias de saberes e todos dialogam e são acolhidos com amorosidade e respeito.

### 3.8.1.3 Saberes da terra

Os saberes da terra estão relacionados ao saber plantar, colher, bem como possui relação com o território, sendo notável nas narrativas de vida e nos mitos amazônicos no que tange algumas narrativas sobre a Matinta, Curupira e boto. Portanto, é notável a presença dos saberes da terra nos relatos dos moradores-narradores que constituem a vida de cada morador desta localidade.

Um dos saberes que percebemos na narrativa é sobre colher açaí, retirar o fruto, um dos maiores aprendizados dos moradores, sendo identificado como saberes da terra, bem como “meus primos foram apanhar açaí ...” (NARRATIVA DO MORADOR CRESCÊNCIO, 10/10/2019).

A relação com a terra é relevante para os moradores e está presente em suas narrativas este saber que tem relação com suas vivências. Partindo disso, vejamos a fala de um morador no que diz respeito a relação do trabalho no plantar na roça. Pois, a partir da fala do morador, nos vem a ideia do trabalho de plantar, cultivar e colher da roça assim como de pertencimento ao local. Vejamos, “...era meio-dia e

meia, nós vínhamos da roça com meus irmãos...” (NARRATIVA DA MORADORA LEONOR, 22/10/2019).

#### 3.8.1.4 Práticas envolvidas

Percebemos outros saberes envolvidos, dentre eles podemos identificar a relação de território, relação familiar, ato de cozinhar, lazer amazônico, bem como possui uma relação significativa com suas práticas do cotidiano e cultura local. Nesse sentido, compreendemos este processo de diálogo a partir das narrativas dos moradores-narradores da baía do Sol em vista do posicionamento ético.

Prática relacionada ao trabalho: “...saímos daqui por baixo de chuva, para pegar isca no porto da Vigia, depois de tudo isso e vendemos os peixes...” (NARRATIVA DO MORADOR JORGE, 10/10/2019).

Prática relacionada a relação familiar é significativa nas narrativas de vida, está muito presente no ato de narrar e amorosidade ao falar sobre sua história. Vejamos a seguir: “...me lembro do meu irmão, Daniel, já falecido...” (NARRATIVA DO MORADOR CRESCÊNCIO, 10/10/2019).

Desta forma, mais um trecho de uma narrativa de vida que se destaca a fala acerca da relação de família entre os moradores-narradores. “... um dos meus irmãos jogou uma pedra e pegou no peixe...” (NARRATIVA DA MORADORA LEONOR, 22/10/2019).

O fato narrado possui relação com o processo de migração, categoria muito destacada nas narrativas de vida, sendo assim, veja bem o relato, “...Jorge foi para Macapá e passou 20 anos, não sabíamos que estava vivo ou morto...” (NARRATIVA DA MORADORA LEONOR, 16/11/2019).

### **3.8.2 Posicionamentos éticos envolvidos nas narrativas dos moradores da Baía do Sol – Mosqueiro PA**

Na análise dialógica acerca do posicionamento ético envolvido na narrativa de vida dos moradores-narradores, apresentamos a compreensão de Miotello (2018), com base nos estudos de Mikhail Bakhtin, nesta dialogicidade. Nas suas afirmações: “o ato de pensar, de construir um pensamento, de enunciar um pensamento, como se fosse ainda nesse primeiro momento, um discurso interior, seu, depois ele vai precisar se exteriorizar, ou ele não se completa” (MIOTELLO, 2018, p. 27).

Essa é a rede temática, tendo como tema a rede de pesca das narrativas, na qual destacamos as falas significativas narradas pelos moradores-narradores durante os encontros dialógicos. No que concerne a esses diálogos, eles foram pautados nos pressupostos bakhtiniano dentro desta pesquisa em educação quando trata do posicionamento ético.

A ética, a partir do ponto de vista bakhtiniano, se apresenta no posicionamento do ato reflexivo dos moradores-narradores em seu discurso, bem como nas relações dialógicas presentes na vida dessas pessoas.

No processo dialógico, houve uma interação relevante acerca dos sujeitos participantes e pesquisador, no qual o diálogo se fez presente em todos os momentos. Para Freire (2014, p. 95-96) destaca que “o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando, e ao ser educado, também educa”. Pois, para ele, não há educação sem diálogo; é sempre necessária essa interação de ambos os sujeitos participantes.

Com base em Bakhtin (2014) e por meio de estudos **foram criadas as categorias para análise, os tipos de ética, a parti da compreensão de Bakhtin**, envolvidos nas narrativas dos moradores-narradores, que deram a possibilidade às análises de pontuar as tipologias éticas e os saberes contidos nas falas narradas.

Portanto, neste tópico, iremos compreender os resultados deste estudo a partir destas tipologias e concluir esta etapa de pesquisa, mas com a possibilidade de posterior, avançar outras temáticas a partir do estudo da ética nas narrativas de vida.

Os posicionamentos éticos encontrados nas narrativas dialógicas foram de: “LEALDADE”, “CONSELHO, E DETERMINAÇÃO/DECISÃO”, “CUIDADO” e “ATITUDE”. Veremos a seguir cada uma delas embebidas das narrativas dos moradores da Baía do Sol – Mosqueiro -PA.

### 3.8.2.1 POSICIONAMENTO ÉTICO DA LEALDADE

O posicionamento ético da lealdade foi encontrado no relato da moradora-narradora Pedra, presente na mística Amazônica da “Matinta Pereira”, que ocorreu na roda de conversa do primeiro encontro, que apresenta o fato vivido:

A gente morava lá na fazendinha, lá onde tinha aquela igreja de pedra, pra lá que a gente morava, aí um dia, era 10 (dez) da noite, a Matinta Pereira, gritou:

– Fiiiiiiit Matinta Pereira.

Aí eu disse:

– Olha, tu tá com fome, cheguei da pesca agora, amanhã pega teu peixe e vem tomar café aqui, seis horas da manhã.

De manhã cedinho ela (Matinta) chegou lá, ela disse:

– Me ajuda que eu quero meu peixe e meu café ((a moradora narradora, mudou o tom da voz, ficou a voz mais grossa))<sup>1</sup>.

A mamãe disse:

– Olha, nunca mais oferecer nada prozoto; tu não sabe com quem está falando, né.

Aí eu dei o café e o peixe para ela, foi embora. Ela (Matinta) disse:

– Não me oferece mais que eu venho buscar mesmo (Narrativa da moradora Pedra no dia 10/10/2019).

A narrativa selecionada nos provoca sob vários aspectos, principalmente, o da relação da vida da narradora com a Matinta Pereira e sua ética com relação ao seu posicionamento no ato de narrar o que viveu, quando afirma: “Nunca mais oferecer nada prozoto; tu não sabe com quem está falando” [...] “né, aí eu dei o café e o peixe para ela, foi embora”. Nesse trecho, percebemos que a ética passa por **questões de lealdade**, a ética da lealdade em cumprir o que prometeu, ato de oferecer algo para alguém. Escolhemos esta primeira narrativa para fazer a dialogicidade na perspectiva da análise dialógica e que reafirma a ética da lealdade no discurso.

Como apresenta Bakhtin (2014) acerca do posicionamento ético referente ao trecho destacado da narrativa, percebemos a profundidade da relação entre a Matinta Pereira e a moradora-narradora, que podemos definir como estética, a partir de uma reflexão do posicionamento da narradora. Pontuamos acerca do diálogo entre o pensamento do autor e da moradora-narradora:

A avaliação de um pensamento como um ato ou ação individual leva em consideração e inclui em si, completamente, o momento constituído pela validade teórica de um pensamento como juízo, isto é, uma avaliação da validade do juízo constitui um momento necessário na composição do ato realizado, embora ele ainda não esgote esse ato. Para a validade teórica de um juízo, por outro lado, o momento histórico-individual – a transformação de um juízo em um ato ou ação responsável de seu autor – é completamente imaterial. Eu mesmo – como aquele que está realmente pensando e que é responsável pelo seu ato de pensar – não estou presente no juízo teoricamente válido (BAKHTIN, 2014, p. 21).

Percebemos que a seguinte análise acerca do posicionamento ético se baseia no ato de sua reflexão e avaliação do pensamento, pois, nesse processo dialógico, o que se destaca é o posicionamento da moradora-narradora em conversa com a citação por meio do ato de pensar, refletir e avaliar, ou seja, a mesma verbalizar sua

compreensão a partir de sua experiência de mundo, em vista de sua análise em não aceitar que se ofereça qualquer alimento ou objeto para alguém que não conhecemos e a sua lealdade em cumprir com o que prometeu.

Na compreensão acerca do pensamento como ser ético, com base na leitura de Miotello (2018) e de Bakhtin, permitem afirmar que “somente o ato de pensar pode ser ético, pois é nele que o sujeito é convocado. Nenhum outro ato instaura a ética” (MIOTELLO, 2018, p. 27).

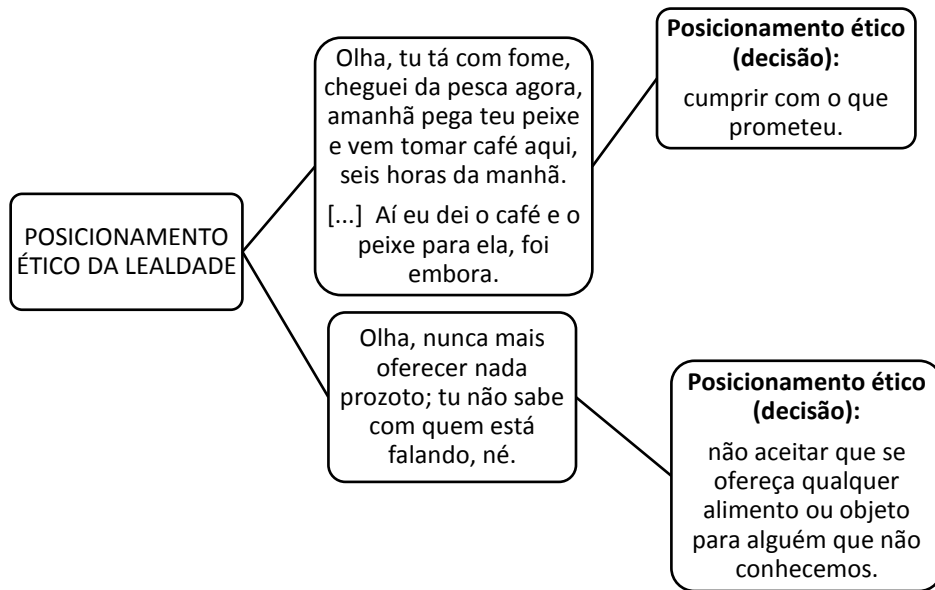
Nesta primeira análise, além do posicionamento ético a partir da reflexão da moradora-narradora também é relevante ressaltar os saberes que emergem em sua narrativa: saberes das águas (ato de pescar), saberes da terra, a relação das narrativas envolvidas sobre o fato narrado, a relação das práticas envolvidas acerca da família, sendo significativa entre os participantes atuantes e a questão da lealdade em cumprir com sua palavra que é bastante pertinente nas narrativas de vida.

Analizamos no trecho em que narra sobre sua prática de pescar, na narrativa da moradora Dona Pedra, em 10 de outubro de 2019: “– Olha, tu tá com fome, cheguei da pesca agora, amanhã pega teu peixe e vem tomar café aqui, seis horas da manhã”. Sendo assim, podemos compreender seu saber em vista da prática da pesca e o conhecimento sobre os rios, pois ouvir as narrativas dos moradores-narradores, nos faz compreender sobre seus saberes e posicionamentos éticos expressos por meio das narrativas de vida.

Assim, o ato de narrar está para além de contar causos. É uma expressão de resistência, valorização de seus conhecimentos e rememoração da sua história de vida, do contexto histórico, questões de território e cultura da de contar as narrativas amazônicas da Baía do Sol.

A seguir apresentamos o posicionamento ético da lealdade na imagem a seguir de forma resumida:





### 3.8.2.2 POSICIONAMENTO ÉTICO DO CONSELHO E DETERMINAÇÃO/DECISÃO.

Apresentaremos outra narrativa da primeira roda de conversa, na qual destacaremos um trecho significativo para pontuar a ética envolvida no relato da moradora-narradora baseada no conselho e a determinação/decisão. Vejamos a seguir:

O papai mandava fazer uma coisa, a preguiça chegava, então, o papai disse:

– Os três para proa da canoa, vão pescar comigo. Quando vinham as ondas, eles gritavam e choravam, então papai perguntou: –Essa é a vida que vocês querem, a vida que eu levo? Então, Crescêncio, resolveu estudar, se formou em Direito.

Depois voltou e foi professor, depois diretor da escola Lauro Chaves. Jorge foi para Macapá e passou 20 anos, não sabíamos que estava vivo ou morto e quando voltou foi com a esposa e o filho (Narrativa da moradora Leonor, 10/10/2019).

No trecho destacado, pontuamos a ética envolvida na reflexão do fato narrado pela moradora, que expõem sua história de vida, e apresenta a ética do **conselho e determinação/decisão** ao resolver seguir o caminho dos estudos, a partir de um

ensinamento de seu pai, que não queria que seus filhos tivessem o mesmo destino que ele. Vejamos o trecho da moradora Dona Leonor 10/10/2019 que reverbera esse posicionamento ético: “Então, Crescêncio, resolveu estudar, se formou em Direito. Depois voltou e foi professor, depois diretor da escola Lauro Chaves”.

A ética do conselho se caracteriza pela ideia de que, dá uma opinião para o bem de quem gostamos e amamos, seja parente, amigo etc. pois nesta compreensão ética em vista de proporcionar que cada morador-narrador contribua na formação das novas gerações da Baía do Sol. Desta forma, este conceito de posicionamento ético possui relação aos saberes culturais e relação familiar.

Ainda neste diálogo, apresenta as experiências de seus irmãos, que tiveram a possibilidade de trilhar novos caminhos e puderam retornar para sua localidade e contribuir de forma significativa e com responsabilidade. Sendo assim, pontuamos a ética da **determinação**, em vista deste ato de pensar, na construção deste pensamento crítico.

A ética da determinação/decisão pode se configurar no ato de tomar uma decisão, realizar uma ação que emergiu a partir de alguma dificuldade, posteriormente uma ação para mudar o que está se propagando, sendo mudada a situação conflito. Portanto, isso se fez presente nas narrativas de vida dos moradores-narradores que conseguiram mudar sua vida por meio de uma decisão consciente e com responsabilidade. Diante do fato apresentado pela moradora-narradora Leonor, percebemos ainda a relação familiar, memórias, experiências de saberes das águas que envolve as habilidades da pesca, do pilotar o barco, domínio do rio, e ainda as práticas envolvidas com a ideia de educação que é orientada pelo mecanismo da superação e mudança de vida, a ideia de trabalho que se organiza na coletividade e nos saberes da terra quando se debate a o ato migratório ou processo migratório que se retroalimenta com a ideia de educação e mudança de vida.

Percebemos ainda a partir do trecho da narrativa de vida de Dona Leonor, de 10 de outubro de 2019, em destaque: “Os três para proa da canoa, vão pescar comigo. Quando vinham as ondas, eles gritavam e choravam”. Neste trecho, percebemos também a compreensão dos saberes e práticas envolvidos na relação familiar, que sempre foram marcantes nas narrativas dos(as) moradores(as).

De acordo com Bakhtin (2018), na perspectiva do discurso dialógico, há a proposta de refletir e compreender as narrativas de vida desses moradores-narradores, a partir do posicionamento ético por meio de seu ato de pensar e refletir.

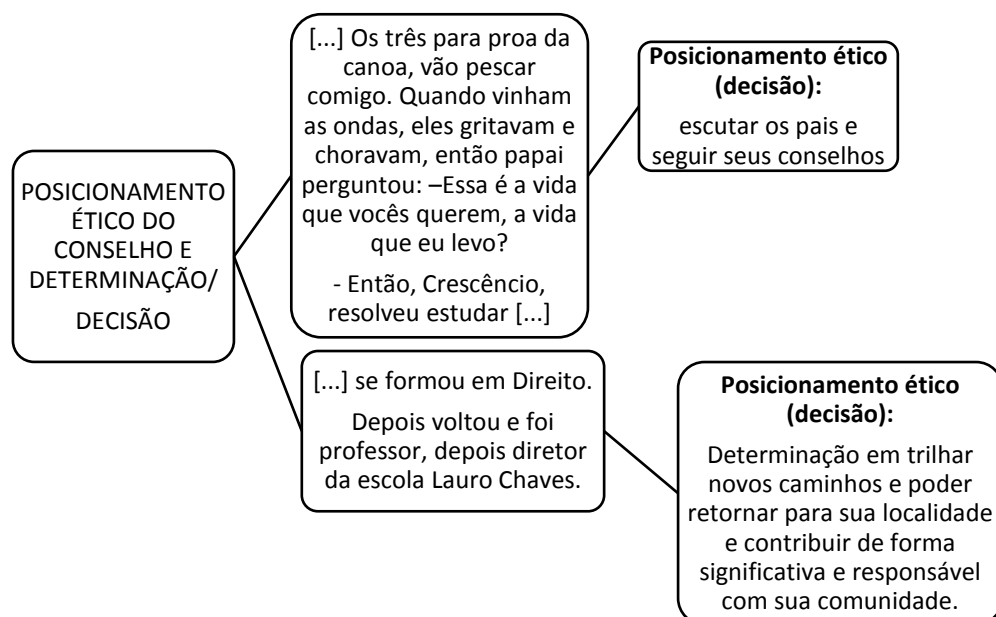
Sendo assim, “o ato de pensar é sempre singular e diz respeito a um sujeito único” (BAKHTIN, 2018, p. 22).

Com ênfase no posicionamento ético em vista das narrativas e os saberes que emergem, a partir do ato da experiência vivida desses moradores-narradores, vale ressaltar que:

Ele olha em duas direções opostas: ele olha para a unidade objetiva de um domínio da cultura e para a unicidade irrepitível da vida realmente vivida e experimentada. Mas não há um plano unitário e único onde ambas as faces poderiam mutuamente se determinar com relação a uma única e singular unidade. E apenas o evento único do Ser no processo de realização que pode constituir essa unidade única; tudo que é teórico ou estético deve ser determinado como um momento constituinte do evento único do Ser, embora não mais, é claro, em termos teóricos ou estéticos (BAKHTIN, 2014, p. 20).

Para Bakhtin (2014), o ato de pensar é de cada um, ninguém conseguirá pensar por você, e, com base nas posições abordadas das narrativas, que destacamos como relevantes para este diálogo epistemológico partimos da reflexão dos moradores-narradores que constroem este pensamento a partir de suas experiências vividas com base no contexto cultural, bem como interligados por suas relações dialógicas, no que concerne ao contexto social dos mesmos, em vista dos fatos narrados.

A seguir apresentamos o posicionamento ético do conselho, determinação/decisão na imagem a seguir de forma resumida:



### 3.8.2.3 POSICIONAMENTO ÉTICO DO CUIDADO

No que se refere às narrativas de vida dos moradores-narradores da Baía do Sol, em Mosqueiro, apresentaremos outra narrativa, retranscrita da segunda roda de conversa, realizada na residência da participante atuante, Leontina, em seu quintal; local de realizações de atividades, como cozinhar, conversas em família, festejos de aniversários; também é um espaço para as brincadeiras das crianças e de convivência de todas as gerações. O Trecho a seguir destaca o posicionamento ético **do cuidado**, presente na narrativa “A viagem de canoa”:

Eu tinha um costume de viajar na canoa para o Tauá, iii agora que parei mais um pouco de sair com os netos e filhos.

Não vai quase homem, às vezes que o papai vai com a gente. Embarca aquele monte de criança e só eu e ela, Suely, de adulta e a gente vai. Aí, a gente vinha nesse dia, vinha muita criança. Eu, uma prima e ela (Suely), só nós três de adulta e moleque.

Eu levava três, Suely três filhos, uma prima com dois filhos, mais dois netos. Aí, quando a gente vinha atravessando, eu vinha no piloto. Nesse dia eu não esqueço, aí quando eu vi, levantou assim, ((fez movimento com o braço da inclinação da canoa)), a polpa da canoa, quando alevantou, eles que estavam pra frente, viram a coisa da cobra, na frente, olha, que nossa canoa não é pequena, ela é grande, mas eu não vi pra frente eu só vi quando ela levantou a canoa e quando nós chegamos na beira, que eles falaram que era a cobra [risos].

Aí, eu já fiquei prestando atenção para trás, não prestei atenção pra frente, mas era a cobra, bem aqui, perto da Croa – perto da praia grande –, isso aconteceu com nós. Era maré grande (Narrativa da moradora Leontina, 16/10/2019).

**A ética do cuidado**, ato de tomar uma decisão a partir de uma reflexão sobre uma prática rotineira, é evidenciada no trecho: “eu tenho um costume ii agora que parei mais um pouco de sair com os netos e filhos” (Narrativa da moradora Leontina, 16/10/2019) ao relembrar de um fato que ocorreu com sua família, onde os moradores passaram a entender acerca da necessidade de ter mais cuidado em levar crianças pequenas em travessias de rio, pois é um ato perigoso.

Esta roda de conversa se deu por uma diversidade de narrativas de vida, com referência aos acontecimentos vividos pelos moradores-narradores em situações diversas ao longo de suas experiências. Pois, as narrativas amazônicas, destacadas no encontro dialógico, fazem referência aos saberes culturais e aos posicionamentos éticos no ato de narrar. Dessa forma “se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (BENJAMIN, 1985, p. 205).

A narrativa selecionada retrata um fato vivido da moradora-narradora, referente a uma viagem feita em família, atividade rotineira de lazer em uma região próxima da Baía do Sol, em Mosqueiro. Assim, o ato de narrar da moradora é bastante expressivo e relaciona este passeio ao imaginário das narrativas amazônicas, no que tange a narração da cobra grande e nos remota à situação de transporte como necessidade básica de qualquer cidadão, mas ao mesmo tempo a relação do cuidado com as crianças em travessias longas no rio, que muitas vezes viajam desprotegidas de coletes salva vidas, muito comum nas comunidades ribeirinhas, infelizmente.

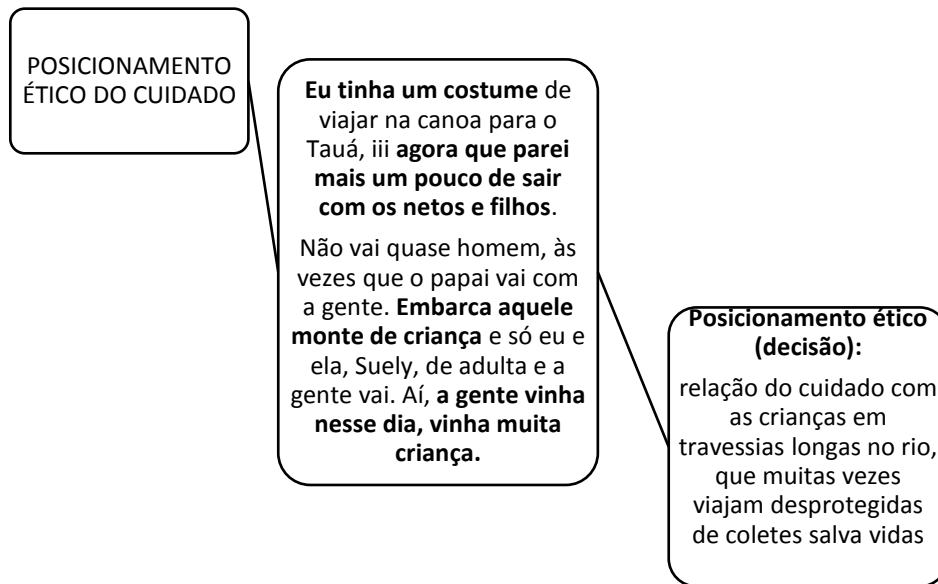
A seguir iremos dialogar acerca de um trecho destacado da narrativa acima para realizarmos as análises possíveis em diálogo com os autores e as contribuições com base no posicionamento crítico em vista desta narrativa de vida, a qual se ampliará para o macro situações sobre os posicionamentos éticos expressos na narrativa da moradora narradora.

A compreensão deste contexto requer um diálogo entre os moradores-narradores que permeiam esta realidade, pois, de acordo com Bakhtin:

O diálogo, no seu sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN; VOLOSHINOV, 2004, p. 123).

Nessa compreensão sobre o diálogo na perspectiva bakhtiniana, fez-se um diálogo acerca da narrativa da moradora Leontina, em vista dos saberes que emergem e seu posicionamento ético expresso em sua narrativa. Pauta-se em questões dos saberes das águas (saber pilotar a canoa), conto amazônico relacionado a seu cotidiano e as práticas envolvidas no que tange sobre o território, relação de família, o lazer das populações da Amazônia, questão de pertencimento ao território e memória.

Em resumo, o posicionamento ético do cuidado foi refletido da seguinte maneira:



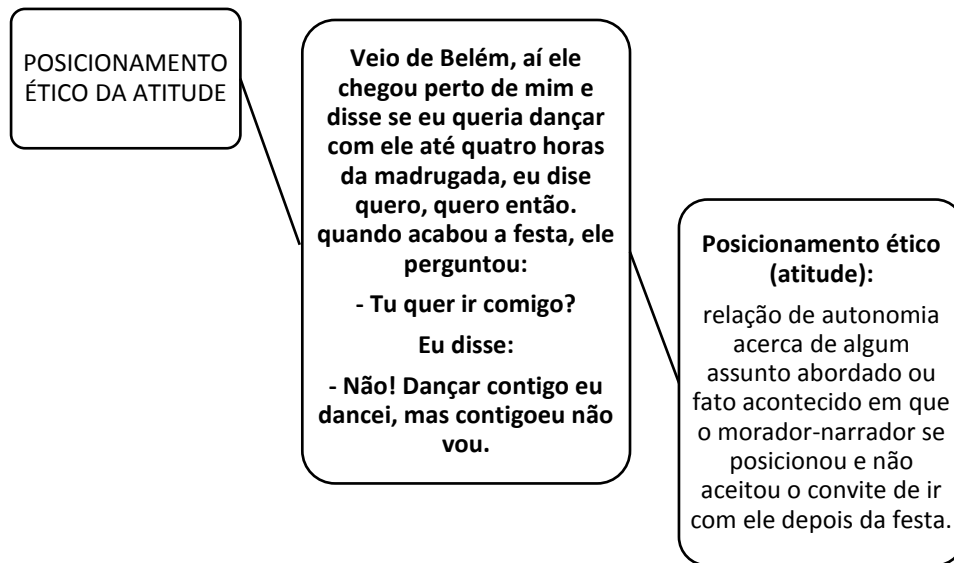
#### 3.8.2.4 POSICIONAMENTO ÉTICO DA ATITUDE

O posicionamento ético da atitude, possui relação com autonomia sobre determinado assunto ou atividade, bem como presente nos relatos dos moradores-narradores da Baía do Sol. Dentre suas narrativas de vida, percebemos a predominância dos posicionamentos éticos referentes a ética da atitude, vejamos a seguir o esquema que representa sistematizada alguns trechos das narrativas.

A narrativa possui relação com um fato vivido pela moradora-narradora Pedra em que relata sobre a narrativa da festa em que dançou com um boto e no final, ele teve a atitude de convidá-la para seguir com ela em uma viagem, mas ela não aceitou, sendo assim, por meio de seu posicionamento ético de atitude, recusou o convite.

Compreendemos esta tipologia ética da atitude diante de um fato vivido, narrado pela moradora-narradora Pedra, da Baía do Sol, Mosqueiro-PA. Diante da narrativa, vale ressaltar a atitude em aceitar a dançar com ele e também em não aceitar o convite do passeio no final da festa. Portanto, o posicionamento ético da atitude, está relacionado com a narrativa de vida dessa moradora.

Em resumo, o posicionamento ético sobre a atitude foi refletido da seguinte maneira:



Portanto, no que concerne às narrativas de vida dos moradores-narradores apresentamos a sistematização do diálogo realizado ao longo deste trabalho científico que traz as histórias dessas pessoas, bem como, o cotidiano, saberes e as características das populações da Amazônia, especificamente da Baía do Sol-Mosqueiro-PA.

Apresentaremos um esquema sobre os resultados em vista do posicionamento ético e os saberes culturais expressos nas narrativas de vida dos moradores-narradores durante as rodas de conversas.

As rodas de conversa como procedimento metodológico nos proporcionaram alcançar nossos objetivos e metas por meio do diálogo durante o processo metodológico da pesquisa narrativa, visto que não perdemos a simplicidade e a originalidade das narrativas de vida e o ato de narrar dos moradores-narradores para conseguir os registros dos relatos e posteriormente retranscrevê-los.

No que concerne às reflexões deste trabalho, pautaram-se na análise dialógica bakhtiniana de educação, proporcionando um diálogo entre diversos saberes e que nos permitem contribuir de forma sistematizada para as análises e os resultados deste trabalho científico-narrativo.

As categorias apresentadas dos posicionamentos éticos de “LEALDADE”, “CONSELHO, E DETERMINAÇÃO/DECISÃO”, “CUIDADO” e “ATITUDE”, foram construídas a partir da leitura dos de teóricos como Bakhtin (2016) e Freire (2014),

que contribuíram com as reflexões para conclusão das categorias elaboradas durante as análises do discurso em relação às narrativas de vida dos moradores-narradores, tendo em vista as rodas de conversa como metodologia de pesquisa.

Em relação aos saberes, predominam os terra, da mata, dos rios (pesca, manejo do barco e canoa), no entanto às do rio estiveram mais presentes nas narrativas socializadas, como apresentado nas narrativas de vida a seguir, sendo significativas e expressivas em seus relatos as situações que se destacam em seu contexto social. Vejamos os trechos 1, 2 e 3 da narrativa de vida:

(1) o papai disse: – Os três **para proa da canoa, vão pescar** comigo (Narrativa da moradora Leonor, 10/10/2019).

(2) – Olha, tu tá com fome, cheguei **da pesca** agora (Narrativa da moradora Pedra, 10/10/2019).

(3) “Eu e meu irmão, já falecido, **fomos pescar**” (Narrativa do morador Jorge, 10/10/2019).

Percebemos a predominância das questões de memória, território no sentido de se pertencer àquele local e empoderamento das moradoras-narradoras nas decisões.

Ocorre a predominância da relação familiar, em especial entre irmãos e de pai e mãe. Vejamos os trechos 4 e 5:

(4) “**O papai mandava fazer uma coisa**, a preguiça chegava” (Relato da moradora Leonor, 10/10/2019).

(5) “São João; lá tinha uma casa colonial do **meu bisavô**, José da Silva” (Narrativa do morador Crescêncio, 10/10/2019).

A presença das relações familiares foi pertinente e relevante; a relação das narrativas amazônicas com a vida dos moradores; a questão da memória também foi representativa e o posicionamento das mulheres em todos os aspectos citados, elas foram autônomas.

Ocorre ainda o posicionamento das mulheres: elas tomam decisões, sabem e dominam os saberes da pesca, do pilotar barco, entre outros, e fica evidente sua autonomia familiar.

Outro resultado que está relacionado às narrativas de vida, são os saberes culturais marcantes nos discursos, bem como manejo de barco e canoa, saberes do rio, das matas, das ervas e do plantio em trabalhar na terra, colher e preparar o açaí.



Portanto, esses saberes estão entrelaçados nas narrativas ao mesmo tempo que também o posicionamento ético dos moradores-narradores da Baía do sol, Mosqueiro.

Neste diálogo, apresentamos uma análise a partir do posicionamento teórico do autor, visto que:

O ser humano contemporâneo sente-se seguro de si, próspero e inteligente, quando ele próprio não está essencialmente e fundamentalmente<sup>3</sup> presente no mundo autônomo de um domínio da cultura e de sua lei de criação imanente. Mas ele se sente inseguro, deficiente e destituído de compreensão, quando se trata dele mesmo, quando ele é o centro emissor de atos ou ações responsáveis, na vida real e única, isto é, nós *agimos* com segurança apenas quando o fazemos não como nós mesmos, mas como alguém possuído pela necessidade de significado imanente de algum domínio da cultura (BAKHTIN, 2014, p. 35).

Nesta compreensão de Bakhtin, por meio dos atos e ações dos moradores-narradores em vista do posicionamento ético e os saberes culturais, o ser humano constrói e reconstrói sua cultura e se posiciona, assumindo seus atos ou não, pois o posicionamento ético nesta perspectiva, é tudo o que afirmamos, avaliamos, refletimos acerca do mundo e de nós.

Nesta dialogicidade, em vista dos resultados deste estudo, podemos refletir que:

“Cada um de nós não pode abrir mão daquilo que tem a dizer, de pensar aquilo que só você do seu lugar pode pensar”. É isso, e se pensa, fala, e se fala, está no jogo. Isso é uma atividade, ela move o outro, ela mexe com o outro. E o outro também quando fala te mexe. Então começa um jogo na sociedade que é muito mais positivo do que esse do “Sabe com quem você está falando?” “Cala a boca!”, “Me ouve”, “Eu é que sei”. Essa é uma sociedade que eu não quero e tenho certeza de que ninguém daqui quer (MIOTELLO, 2018, p. 68).

Portanto, durante este processo de pesquisa e estudo, as rodas de conversas, proporcionaram momento de diálogos em que todos puderam expressar-se de igual para igual sem hierarquias, rompendo com uma forma de conhecimento homogêneo e construindo um espaço de diálogo e vivências positivas em que todos tem voz e vez.

Os resultados deste estudo narrativo-científico: o posicionamento ético e os saberes culturais estão presentes nas narrativas de vida dos moradores-narradores,

---

<sup>3</sup> "Essencialmente e fundamental mente": *prinziptuell*; v. nota 4.

no que tange os tipos de ética, bem como decisão, lealdade e medo e os saberes que constituem a vida deles a partir do manejar o barco e a canoa, da mata, dos rios, da pesca e das ervas medicinais. Em todas as narrativas podemos verificar essa explosão de conhecimento desses moradores da Baía do Sol.

Ainda neste sentido, também percebemos uma forte relação de família, memórias, relação de território, narrativas amazônicas que compõem este universo mítico, mas, que faz parte das vivências dos moradores-narradores, não sendo isoladas, mas integradas. Então, compreendemos que as narrativas amazônicas estão relacionadas com a vida dessas pessoas.

As rodas de conversas, foram na verdade uma forma de resistência por parte desses moradores-narradores, expressarem suas narrativas de vida, que compõem a história de cada um e faz parte da memória deles e da Baía do Sol. Sendo assim, concluímos que este estudo foi relevante para ampliar os estudos na área da educação, pontuando a importância da narrativa e o diálogo como processo de pesquisa e estudo.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em diálogo com as propostas iniciais desta pesquisa, fazemos algumas considerações e reflexões sobre o fenômeno que nos propusemos a pesquisar, haja vista contribuir na construção coletiva deste conhecimento científico-narrativo.

O trabalho proposto teve como objetivo principal analisar os posicionamentos éticos e os saberes culturais a partir de narrativas de moradores da Baía do Sol-Mosqueiro-PA. Para tanto, utilizamos os procedimentos de rodas de conversas com dez moradores que construíram este trabalho por meio de suas narrativas de vida, a fim de compreender os tipos de éticas envolvidos nos atos de fala.

Os moradores-narradores puderam se expressar por meio de suas narrativas de vida, e com isso buscamos compreender a relação destas com os saberes culturais, considerando-se a visão de mundo e o contexto amazônico. Tais procedimentos nos levaram a conhecer melhor a realidade desses moradores envolvidos, a partir de suas especificidades contidas em seus relatos dialogados nesses encontros.

Para tanto, contextualizamos sobre quem são esses moradores narradores, o ato de narrar, as rodas de conversa e a localidade da Baía do Sol, pontuando a relevância da atuação dessas pessoas no processo de pesquisa em que emergem suas narrativas de vida com teor familiar, histórico, cultural, econômico, político e social, e discutimos as possibilidades deste trabalho, por meio da abordagem qualitativa na perspectiva da análise dialógica em uma roda de conversa que envolveu os moradores-narradores e o narrador-pesquisador.

As rodas de conversas realizadas na Baía do Sol, em Mosqueiro, nas casas dos moradores-narradores, subsidiaram o diálogo entre os diversos saberes e narrativas de vida, tendo em vista o posicionamento ético das falas e construindo este conhecimento a partir do diálogo. Sendo assim, estes encontros foram embasados nos pressupostos bakhtiniano e freireano de educação.

As **duas rodas de conversa**, bem como a primeira, segunda e a quinta roda que apresentamos na elaboração e reflexões acerca deste trabalho científico-narrativo, foram fundamentais para compreensão deste estudo, tendo como base as narrativas de vida dos moradores-narradores.

Por isso, justifica-se a possibilidade de ampliar o campo de estudos nesta perspectiva dialógica, na desconstrução da compreensão de ética apenas como

moral, possibilitando novos estudos a partir de um olhar crítico em vista da ética como relações entre o eu e o outro, ressignificando para um ato do campo também para o pensamento reflexivo.

Defendemos que esta pesquisa, em diálogo com todos os participantes atuantes, sistematiza e propõem a possibilidade de fazer ciência por meio das narrativas, das falas, tendo como pressuposto metodológico as rodas de conversa, visto que consideramos relevante e pertinente a metodologia narrativa de pesquisa que parte dos relatos de vida e contos amazônicos.

Queremos afirmar que é possível fazer pesquisa por meio do diálogo, bem como construir uma base epistemológica com embasamento teórico, respeitando os participantes atuantes como sujeitos históricos de uma construção coletiva, em comunhão em uma perspectiva humanizada.

Neste estudo, por meio da análise dialógica nas perspectivas bakhtiniana e freireana, realizamos um diálogo das narrativas de vida e narrativas amazônicas, justificando-se o posicionamento ético a partir das falas dos moradores-narradores e apontando também, por meio de uma compreensão crítica a tipologia ética presente, os saberes culturais e relações sociais.

Estes fatores dialógicos das análises permitem uma prévia dos possíveis resultados, haja vista que os dados compreendidos se cruzam entre as situações sociais, as relações familiares e os seus saberes que perpassam saber pilotar barco, pescar, conhecimento sobre o rio, entre outros. Desse modo, partimos de um pensamento ético e filosófico da compreensão das narrativas e experiências vividas.

Pontuamos os seguintes resultados deste estudo no qual elencamos as tipologias, como a lealdade em cumprir com o que prometeu e de decisão na reflexão e avaliação de posicionamentos que tiveram que determinar alguma situação, haja vista, os saberes que emergem, como os da pesca, dos rios, pilotar canoa e barco, conhecimento sobre a terra, memória, empoderamento das moradoras-narradoras, as relações familiares e como é significativa a conexão com o universo dos contos amazônicos.

Neste estudo acerca dos resultados, foram apresentados os pontos relevantes acerca das categorias elencadas com este estudo, bem como os saberes encontrados a partir das narrativas de vida, dentre eles estão os saberes das águas, da floresta e da terra e as práticas envolvidas no que tange migração, família, lazer amazônico, território, memória e contos amazônicos.

Ainda nesta compreensão dos resultados, o posicionamento ético em vista das narrativas de vida, bem como da lealdade, cuidado, decisão e de atitude. Pois, a partir das narrativas realizadas nas rodas de conversa, concluímos com ênfase a partir das análises, posteriormente aos resultados significativos deste estudo.

Com base na hipótese levantada, a mesma, se consolidou parcial, pois nos surpreendeu com ampliação dos resultados a partir das análises, como também os saberes em vista das narrativas das águas, da terra e d floresta e as tipologias éticas encontradas ampliaram a prevista para a primeira proposta, ganhando dimensão acerca do posicionamento ético dos moradores-narradores. Portanto, as tipologias éticas e os saberes, a priori, ganharam no resultado final maior repercussão com o resultado apresentado neste estudo.

Assim, as hipóteses levantadas foram alcançadas e ressignificadas com novas possibilidades de categorias, bem como das análises das narrativas de vida, tendo em vista os posicionamentos éticos e os saberes culturais envolvidos a partir dos quais foram elencados no quadro de sistematização das rodas de conversa.

Ainda nesta perspectiva, acerca dos resultados, destacamos a autonomia dos moradores-narradores em participar das rodas de conversa, seu posicionamento durante o diálogo, a disponibilidade para participar dos encontros, rememorar as narrativas, no que concerne a características peculiares do vivido dentro de um contexto amazônico de pessoas simples, porém, de muitos saberes.

Compreendemos que por meio deste estudo trouxemos as vozes desses moradores-narradores a partir de suas narrativas de vida com base nos contos amazônicos que conduziram o diálogo, por meio das rodas de conversa, reconhecendo cada participante atuante como responsável por esta construção coletiva e rompendo com a lógica excludente.

Desejamos que, por meio deste trabalho, possamos ampliar os estudos no campo educacional de saberes amazônicos, na possibilidade de novos caminhos a serem traçados sobre a metodologia narrativa de pesquisa em educação, reconstruindo o campo de pesquisa a partir de técnicas e procedimentos capazes de valorizar e reconhecer os participantes atuantes, sem comprometer a sistematização dos dados, a conclusão das análises e os resultados significativos.

Deixamos como proposta a continuação de encontros na comunidade, com iniciativa dos moradores-narradores em realizar rodas de conversa, para rememorar suas narrativas, que contribuirão para repassar aos seus netos e as futuras

gerações, o conhecimento que possuem, suas vivências e a história da Baía do Sol, contadas pela população, visto que, são relevantes para construção da identidade dessas pessoas.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do Acto**. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. coord. Bruno Monteiro. Porto: Deriva editores, 2014, p. 18-82.
- BAKHTIN, Mikhail. Diálogo I: a questão do discurso dialógico. *In*: BAKHTIN, M. **Os Gêneros do discurso**. Organização, Tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Notas de edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Ed. 34, 2016, p. 113-124.
- BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas. *In*: BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da ed. Russa Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 57-79.
- BAKHTIN, Mikhail. Dialogismo e Polifonia. *In*: BRAIT, Beth (org.). **Para uma filosofia do ato**: válido e inserido no contexto. Tradução: Marília Amorim. São Paulo: Ed. Contexto. 2018, p. 17-43.
- BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV V. N. A interação verbal. *In*: BAKHTIN, Mikhail, VOLOSHINOV V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 110-127.
- BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. *In*: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: Outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006. p. 9-31.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: SP: Mercado das Letras, 2002.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**: Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução Sergio Paulo Rouanet. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativa de vida**: a pesquisa e seus métodos. Tradução Zuleide Alves Cardoso Cavalcante. Denise Maria Grurgel Lavallee. Maria da Conceição Passeggi, Márcio Venício Barbosa. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.
- FIORI, Ernani Maria. Prefácio: aprender a dizer a sua palavra. *In*: FREIRE, Paulo. **Pedagogiado Oprimido**. Rio de Janeiro, 2014, p. 11- 30.
- FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação Intercultural e Formação de Educadores**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.
- FLEURI, Reinaldo Matias. **Educação Intercultural e movimentos sociais**: trajetória de pesquisas da Rede Mover. João Pessoa: Editora do CCTA, 2017.

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 51. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura Amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: CEJUP, 1995. Cap. 1. A poética do imaginário. (p. 49-107)
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. *In*: CASTRO-GÓMEZ, Santiago &
- GROSGOUEL, Ramon (coords.). **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos, Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar. 2007. Disponível em: <<http://ramwan.net/restrepo/decolonial/17-maldonado-colonialidad%20del%20ser.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2019.
- MIOTELLO, Valdemir. **Discurso da Ética e a Ética do Discurso**. 2. ed. São Carlos: Pedro e João, 2018.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. A cultura amazônica em práticas pedagógicas de educadores populares. *In*: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação, 30 Reunião Anual, 2007, Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2007. Disponível em: <[30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT06-3039--Int.pdf](http://30reuniao.anped.org.br/trabalhos/GT06-3039--Int.pdf)>. Acesso em: 23 set. 2016.
- OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno; MOTA NETO, João colares da; SOUSA, Roseane Rabelo de. Saberes Culturais, religiosidade e mitologia amazônica. *In*: Org. OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. **Cartografias de Saberes: representações sobre a cultura amazônica em práticas de educação popular**. Belém: EDUEPA, 2007.
- PEREIRA, Francisco Antônio Almeida; MENDES, Maria Beatriz Pacheco. **O escravismo na Baía do sol no século XVIII**. Mosqueiro: Imprensa Oficial do Estado, 2012.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- SERODIO, Liana Arrais; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Metodologia narrativa de pesquisa em educação na perspectiva do gênero discursivo bakhtiniano. *In*: PRADO, Guilherme do Val Toledo et al. **Metodologia narrativa de pesquisa em educação: uma perspectiva bakhtiniana**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- TEIXEIRA, Nádya França. Metodologias de pesquisa em Educação: possibilidades e adequações. **Caderno Pedagógico**, Lajeado, v. 12, nº 2, p. 7 – 17, 2015.



VOLÓCHINOV Valentin. A interação discursiva. In: VOLÓCHINOV Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017, p. 201-225.

## APÊNDICE

Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Sociais e Educação- CCSE  
Professor: José Anchieta de Oliveira Bentes

### **Metodologia da Roda de conversa**

Roda de diálogo: Narrativas de vida de moradores da Baía do Sol-Mosqueiro-PA.

#### **1- Roda de Conversa**

- Acolhida (ambiente decorado com rede de pesca, imagens de alguns personagens das lendas e objetos do cotidiano dos moradores suspensos na rede e música regional);

- Mística de apresentação para deixar o grupo entrosado e propício ao diálogo;

- Momento de diálogo, contação de histórias dos participantes, no qual cada participante da roda contarão uma história, caso que viveu, ouviu ou sabe desde criança;

- Em seguida os participantes da roda de conversa, escolherão uma narrativa que mais gostaram, para iniciar uma discussão, a partir de algumas perguntas sobre o comportamento do personagem da história ou caso.

- Possíveis perguntas:

- 1- Que vocês acharam do comportamento do personagem?

- 2- Como essa história se relaciona com sua vida?

- 3- Quais posicionamentos desses personagens tem relação com seus afazeres de casa ou trabalho?

- 4- Alguém já sofreu alguma ação desse tal personagem?

- 5- Vocês acham que este caso ou história aconteceu?

- 6- Mas é certo os posicionamentos do personagem. Por quê?

## **2- Roda de conversa**

- Acolhida com o ambiente decorado com alguns objetos (barquinho, panela, rede de pesca, rede e frutas regionais) e música regional para receber os participantes da roda de conversa;

- Mística antes de iniciar a roda de conversa;

- Momento de contação de história: uma educadora contará uma das lendas amazônicas;

- Diálogo sob a opinião dos narradores acerca da lenda contada pela educadora, momento de discussão dos posicionamentos do personagem da lenda e qual sua relação com sua vida social;

- Possíveis perguntas:

- 1- Que vocês acharam do comportamento do personagem?

- 2- Como essa história se relaciona com sua vida?

- 3- Quais atitudes desse personagem tem relação com seus afazeres de casa ou trabalho?

- 4- Alguém já sofreu alguma ação desse tal personagem?

- 5- Vocês acham que este caso ou história aconteceu?

- 6- Mas é certo os posicionamentos do personagem. Por quê?

- 7- Como poderia ser esta história e por quê?

## **3- Roda de conversa**

- Acolhida: ambiente com objetos regionais e do cotidiano dos moradores da Baía do Sol-Mosqueiro-PA;

- Mística de início antes da roda de diálogo acerca das lendas amazônicas locais;

- Cada participante deverá fazer um desenho referente à sua lenda que narrou;

- Exposição dos desenhos e explicação sob o mesmo e colocar na rede de pesca.

## **Recursos humanos e materiais necessários**

### **1- Humanos**

- Moradores da Baía do Sol-Mosqueiro (participantes da pesquisa);
- Pesquisador;
- Voluntário para filmar;
- Voluntário para gravar as narrativas dos participantes das rodas de conversa;
- Contadora de história.

### **2- Materiais**

- Celular;
- Gravador;
- Caderno, caneta, lápis de escrever, lápis de cor e folha de papel A4;
- *Notebook*;
- Rede de pesca;
- Cuia, panela;
- Barquinho de madeira ou miriti;
- Caixa de som pequena;
- *Pen drive*.



**Universidade do Estado do Pará**  
**Centro de Ciências Sociais e Educação**  
**Programa de Pós-graduação em Educação-Mestrado**  
**Trav. Djalma Dutra, S/N – Telégrafo**  
**[www.uepa.com.br](http://www.uepa.com.br)**

